

DENISE ROCHA
organizadora

120 ANOS
DO NASCIMENTO DE

*José Lima
do Rego*

O grande romancista-memorialista do
sertão da Paraíba e de Pernambuco





AValiação, Parecer e Revisão por Pares

Os textos que compõem esta obra foram avaliados por membro(s) participante(s) do Conselho Editorial da Editora BAGAI, bem como revisados por pares e foram indicados para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

C542 120 Anos do nascimento de José Lins do Rego (1901-1957): O grande romancista-memorialista do sertão da Paraíba e de Pernambuco. / organização Denise Rocha. – 1. ed. – Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.
E-book

Bibliografia.

ISBN: 978-65-5368-039-5

1. Rego, José Lins do (1901-1957).

2. Literatura brasileira. I. Rocha, Denise.

02-2022/32

CDD 869.909

Índice para catálogo sistemático:

1. José Lins do Rego: Literatura brasileira 869.909



<https://doi.org/10.37008/978-65-5368-039-5.28.02.22>

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br

DENISE ROCHA

organizadora

120 ANOS DO NASCIMENTO DE JOSÉ LINS DO REGO (1901-1957):

O grande romancista-memorialista do sertão
da Paraíba e de Pernambuco



1.^a Edição - Copyright© 2021 dos autores
Direitos de Edição Reservados à Editora Bagai.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es). As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

Editor-Chefe Cleber Bianchessi

Revisão Os autores

Projeto Gráfico Alexandre Lemos

Conselho Dr. Adilson Tadeu Basquerote – UNIDAVI

Editorial Dr. Anderson Luiz Tedesco – UNOCHAPECÓ

Dra. Andréa Cristina Marques de Araújo - CESUPA

Dra. Andréia de Bem Machado – UFSC

Dra. Andressa Grazielle Brandt – IFC – UFSC

Dr. Antonio Xavier Tomo – UPM – MOÇAMBIQUE

Dra. Camila Cunico – UFPB

Dr. Carlos Luís Pereira – UFES

Dr. Claudino Borges – UNIPIAGET - CV

Dr. Cledione Jacinto de Freitas – UFMS

Dra. Clélia Peretti - PUCPR

Dra. Daniela Mendes V da Silva – SEEDUCRJ

Dra. Denise Rocha – UFC

Dra. Elnora Maria Gondim Machado Lima – UFPI

Dra. Elisângela Rosemeri Martins – UESC

Dr. Ernane Rosa Martins – IFG

Dr. Helio Rosa Camilo – UFAC

Dra. Helisamara Mota Guedes – UFVJM

Dr. Humberto Costa – UFPR

Dr. Jorge Carvalho Brandão – UFC

Dr. Jorge Henrique Gualandi – IFES

Dr. Juan Eligio López García – UCF-CUBA

Dr. Juan Martín Ceballos Almeraya – CUIM-MÉXICO

Dra. Karina de Araújo Dias – SME/PMF

Dra. Larissa Warnavin – UNINTER

Dr. Lucas Lenin Resende de Assis – UFLA

Dr. Luciano Luz Gonzaga – SEEDUCRJ

Dr. Luiz M B Rocha Menezes – IFTM

Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra – UFPB

Dr. Marciel Lohmann – UEL

Dr. Márcio de Oliveira – UFAM

Dr. Marcos A. da Silveira – UFPR

Dr. Marcos Pereira dos Santos – SITG/FAQ

Dra. María Caridad Bestard González - UCF-CUBA

Dra. Nadja Regina Sousa Magalhães – FOPPE-UFSC/UFPel

Dra. Patrícia de Oliveira - IF BAIANO

Dr. Porfírio Pinto – CIDH - PORTUGAL

Dr. Rogério Makino – UNEMAT

Dr. Reginaldo Peixoto – UEMS

Dr. Ricardo Cauica Ferreira – UNITEL - ANGOLA

Dr. Ronaldo Ferreira Maganhoto – UNICENTRO

Dra. Rozane Zaionz - SME/SEED

Dra. Sueli da Silva Aquino – FIPAR

Dr. Tiago Tendai Chingore - UNILICUNGO – MOÇAMBIQUE

Dr. Thiago Perez Bernardes de Moraes – UNIANDE/UK-ARGENTINA

Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández – UCLV e CUM - CUBA

Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Dr. Yoissell López Bestard- SEDUCRS

SUMÁRIO

LIAMES ENTRE A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E O TESTEMUNHO: UMA LEITURA DE *MEUS VERDES ANOS*, DE JOSÉ LINS DO REGO9

Francisco Edinaldo de Pontes

FANATISMO RELIGIOSO E SEBASTIANISMO (1836-1838) EM PERNAMBUCO: REFLEXOS NO ROMANCE *PEDRA BONITA* (1938), DE JOSÉ LINS DO REGO23

Denise Rocha

A CONTADORA DE HISTÓRIAS EM JOSÉ LINS DO REGO39

Luciano Serafim da Silva

Célia Regina Delácio Fernandes

O UNIVERSO LITERÁRIO REGIONALISTA EM *MENINO DE ENGENHO*, DE JOSÉ LINS DO REGO56

Lucas Rosa da Silva

COMPARAÇÕES ENTRE VITORINO E LARSEN, DUAS FIGURAS QUIXOTESCAS DE *FOGO MORTO E O ESTALEIRO*66

Altamir Botoso

RASTROS DE BANDIDOS E COITEIROS: EM *CANGACEIROS* (1953), DE JOSÉ LINS DO REGO80

Denise Rocha

SOBRE A ORGANIZADORA98

ÍNDICE REMISSIVO99

APRESENTAÇÃO



José Lins do Rego,¹ aos 18 anos (1919)

No ano de 1932, residente em Maceió,² José publicou seu primeiro romance, *Menino de engenho*, que tem elementos autobiográficos do autor, conforme relatados no livro de memórias, *Meus Verdes Anos* (1956).

Esse livro, “120 ANOS DO NASCIMENTO DE JOSÉ LINS DO REGO (1901-1957): O grande romancista-memorialista do sertão da Paraíba e de Pernambuco”, contém seis capítulos sobre a vida no

¹ Em 3 de junho de 1901 nasceu José Lins do Rego Cavalcanti, filho de João do Rego Cavalcanti e Amélia Lins Cavalcanti, no Engenho Tapuá, em São Miguel de Taipu. Órfão de mãe, com cerca de 1 ano de idade, Dedé cresceu no Engenho Corredor, localizado na várzea do rio Paraíba do Norte, no município do Pilar. Na propriedade do seu avô materno, José Lins Cavalcanti Albuquerque, o menino foi criado pelas tias Maria e Naninha.

Romances: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho doce* (1939), *Água-mãe* (1941), *Fogo Morto* (1943), *Euridice* (1947), *Cangaceiros* (1953). Memórias: *Meus Verdes Anos* (1956). Crônicas: *Gordos e magros* (1942), *Poesia e vida* (1945), *Homens, seres e coisas* (1952), *A casa e o homem* (1954), *Presença do Nordeste na literatura brasileira* (1957), *O vulcão e a fonte* (1958), *Dias idos e vividos: antologia* (1981), *Ligeiros Traços: escritos de juventude* (2007), *Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas* (2008). Literatura infanto-juvenil: *Histórias da Velha Totônia* (1936).

Fotografia. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Lins_do_Rego#/media/Ficheiro:Jose_lins_1918.jpg >.

² Lins do Rego formou-se em Direito, em 1923, e casou-se com sua prima Philomena Massa Lins do Rego (1924), filha do Senador Antônio Massa. No ano de 1925, ele ingressou no Ministério Público de Minas Gerais, como promotor em Manhuaçu, onde permaneceu pouco tempo. Transferiu-se para Maceió, em 1926, e exerceu as funções de fiscal de bancos (até 1930) e fiscal de consumo (1931-1935), além de se tornar colaborador do *Jornal de Alagoas*. Conheceu Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, Aurélio Buarque de Holanda, entre outros. Em 1935, mudou-se para o Rio de Janeiro.

interior paraibano, pernambucano, entre outras paisagens nordestinas, no sertão, na caatinga e nas serras, que revelam os vínculos entre a literatura e as outras ciências e as outras linguagens, sob a perspectiva do regionalismo e do universalismo.

No capítulo 1 - **Entre a história, a memória e o testemunho: uma leitura de *Meus Verdes Anos*, de José Lins do Rego**, Francisco Edinaldo de Pontes analisa a técnica memorialista - memória seletiva, autobiográfica e histórica (Halbwachs) - sobre a infância do autor, no Engenho Corredor, em uma sociedade rural com trabalhadores afro-descendentes devotos.

A autora Denise Rocha, no capítulo 2 - **Fanatismo religioso e sebastianismo (1836-1838) em Pernambuco: reflexos no romance *Pedra Bonita* (1938), de José Lins do Rego**, evoca uma faceta do misticismo do início do século XIX, que, exigiu sacrifícios de sangue para o retorno de D. Sebastião de Portugal, a fim de restaurar a paz e a prosperidade.

No capítulo 3 - **A contadora de histórias em José Lins do Rego**, Luciano Serafim da Silva e Célia Regina Delácio Fernandes destacam a arte da narração de fatos e da oralidade, como a da Velha Totonha, que influenciou outros narradores, principalmente, em *Menino de engenho* e *Doidinho*.

Lucas Rosa da Silva, no capítulo 4 - **O universo literário regionalista em *Menino de engenho*, de José Lins do Rego**, indica a liderança de Gilberto Freyre no Movimento Regionalista Brasileiro e o legado de Zé Lins nesta tendência estética, refletida em narrativas memorialistas de caráter impressionista com ênfase na cultura e na descrição paisagística nordestina.

Altamir Botoso, no capítulo 5 - **Comparações entre Vitorino e Larsen, duas figuras quixotescas de *Fogo Morto* e *O estaleiro***, tece comparações, sob a perspectiva das “qualidades quixotescas”, entre Vitorino Carneiro da Cunha de *Fogo Morto* (1943), do brasileiro José Lins do Rego, e Junta Larsen de *O estaleiro* (2009), do escritor uruguaio Juan Carlos Onetti (1909-1994).

No capítulo 6 - **Rastros de bandidos e coiteiros em *Cangaceiros* (1953), de José Lins do Rego**, Denise Rocha enfatiza o realismo trágico do pacto entre cangaceiros e coronéis, principalmente, em Pernambuco, Paraíba, Ceará, Sergipe e Bahia, nos anos 1920 e 1930, que motivou Getúlio Vargas, em 1937, a ordenar aos governadores “que parassem de fazer vista grossa e aniquilassem o rei do Cangaço”. (VARGAS *apud* WESTIN, 2018, p. 1)

Os seis capítulos da coletânea, “120 ANOS DO NASCIMENTO DE JOSÉ LINS DO REGO (1901-1957): O grande romancista-memorialista do sertão da Paraíba e de Pernambuco” revelam a perspectiva multidisciplinar do estudo da obra do paraibano, com enfoque na história, no testemunho, na ficção e na oralidade sobre a terra, a várzea dos engenhos de açúcar e o sertão dos pequenos proprietários, com facetas do neorrealismo, vital, mágico e trágico.

Boa Leitura!

Professora Denise Rocha

LIAMES ENTRE A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E O TESTEMUNHO: UMA LEITURA DE *MEUS VERDES ANOS*, DE JOSÉ LINS DO REGO

Francisco Edinaldo de Pontes¹

INTRODUÇÃO

Com o intuito de registrar, seja por meio da escrita técnica, ensaística ou ficcional, o ser humano desenvolveu o hábito da escrita em diários, cujos registros não só comportam informações pessoais, mas também, marcos históricos vividos tanto individualmente quanto por um grupo ou por uma nação – sendo esses fatos históricos, na concepção de Michael Pollak (1992, p. 201), denominados como acontecimentos “vividos por tabela”. A exemplo de obras como essas que ganhou espaço na literatura de autoficção consiste no *Diário de Anne Frank* (1947), obra que é intitulada com o nome da própria autora, em que a escritora alemã Anne Frank (1929-1945), de origem judia e vítima do Holocausto (1941-1945), registra suas memórias e testemunhos – mesmo em confinamento – a respeito das atrocidades sofridas por muitos judeus durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Em âmbito nacional, temos obras de cunho semelhante no que diz respeito ao relato autobiográfico, e que, de certa maneira, tornaram-se monumentos da Literatura Brasileira que registraram diversos marcos sócio-histórico-político e culturais do Brasil, a saber: *Memórias do Cárcere* (1953), de Graciliano Ramos; *Memórias de um Sobrevivente* (2001), de Luiz Alberto Mendes; *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo; *Quarto de Despejo* (1960) e *Diário de Bitita* (1986), de Maria Carolina de Jesus; *Menino de Engenho* (1932) e *Fogo Morto* (1943), de José Lins do Rego; *O irmão alemão* (2014), de Chico Buarque; dentre outros títulos

¹ Mestrando em Literatura e Interculturalidade (UEPB). Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudos literários Lusófonos (GIELLus/UEPB/DGP/CNPq). CV: <http://lattes.cnpq.br/5549409826675338>

que ilustram bem as memórias e os testemunhos de um determinado povo ou nação, sejam eles vividos individualmente ou “por tabela”, como apontado por Michael Pollak (1992).

Diante do exposto, sob a ótica dos estudos sobre literatura, história, memória e testemunho, o objetivo do presente capítulo consiste em fazer uma breve análise a respeito das memórias e testemunhos presentes em *Meus Verdes Anos* (2011), de José Lins do Rego. Além disso, pretendemos mostrar como a memória e o testemunho presentes na obra em estudo colaboram para revisitarmos, resgatarmos e remontarmos o quadro de lembranças e memórias de um determinado recorte sócio-histórico-político e cultural que, outrora, em partes, foi relegado ao esquecimento; e com isso, compreendermos com mais clareza os fatos que compõem a História através da Literatura.

HISTÓRIA E MEMÓRIA EM *MEUS VERDES ANOS*: UM ESBOÇO

Como já elucidado na “Introdução”, a obra em estudo, de acordo com José Castello (1961) e Afonso Fávero (2001), se trata de um romance autobiográfico, especificamente, a respeito da infância do escritor modernista e regionalista paraibano, José Lins do Rego. A história é narrada em primeira pessoa, pelo protagonista Dedé – apelido de infância de José Lins –, que tece sobre as suas mais longínquas lembranças, resgatando, assim, para início do romance, a memória da morte de sua mãe, Amélia, e do seu primo, Gilberto; de quem, segundo o narrador-personagem, ele era mais próximo do que dos demais parentes. Desse modo, vale salientar que, apesar de a personagem central dar abertura para outras personagens a respeito das suas memórias e testemunhos, a maioria dos fatos são contados sob a perspectiva de Dedé. A partir disso, o protagonista narra sobre a sua infância na condição de órfão de pai e de mãe, ficando, assim, sob os cuidados do seu avô materno Bubu (o Coronel José Lins Cavalcanti de Albuquerque), e das suas duas tias, Maria e Naninha; exercendo essas últimas o papel de mães adotivas do garoto.

Não obstante, a forma como José Lins do Rego escreve o seu romance denuncia a técnica memorialística com a qual ele tece a sua obra. Além de memorialística, a narrativa configura-se, também, como o que Jacques Le Goff, em *História e Memória* (1990), chama de “monumento”. Pois, “José Lins é o guardião de um repertório de histórias do passado, que preservou na memória, como herança para as futuras gerações, no sentido de erigir um monumento de grande valor ético” (SANTOS, 2013, p. 127); confirmando, por conseguinte, o que vemos na dedicatória do seu romance: “Ao meu neto José, para que este livro lhe seja, no futuro, uma lição de vida” (Cf. REGO, 2011, [s.p.]).

Mas, para o início da nossa discussão, é necessário expormos o que Jacques Le Goff (1990) salienta sobre o *leitmotiv* do presente tópico, “a memória”:

O conceito de memória é crucial. Embora o presente ensaio seja exclusivamente dedicado à memória tal como ela surge nas ciências humanas (fundamentalmente na história e na antropologia), e se ocupe mais da memória coletiva que das memórias individuais, é importante descrever sumariamente a nebulosa memória no campo científico global [...] (LE GOFF, 1990, p. 424).

Assim, no prefácio de *Meus Verdes Anos* (2011), o próprio autor da obra salienta sobre a configuração das memórias que compõem o seu romance – tanto as autobiográficas quanto as coletivas e as históricas: “Pus nessa narração o menos possível de palavras para que tudo corresse sem os disfarces retóricos. E assim não recorri às imagens para cobrir uma realidade, às vezes brutal” (REGO, 2011, p. 17-18). Visto que, além de narrar a respeito de sua própria vida puerícia nos engenhos Corredor, Massangana e Pilar, ele também nos presenteia com as memórias que constituem um quadro sócio-histórico do seu contexto, tendo em vista que, narrar é sobreviver através da memória.

Desse modo, com relação ao exposto anteriormente, vemos a confirmação do projeto memorialístico de José Lins no seguinte excerto extraído do prefácio de sua obra, quando ele afirma:

Fiz livro de memória com a matéria retida pela engrenagem que a natureza me deu. Pode ser que me escape a legitimidade de um nome ou de uma data. Mas me ficou a realidade do acontecido como o grão na terra. A sorte está em que a semente não apodreça na cova e que o fato não tenha o pobre brilho do fogo-fátuo. É tudo o que espero dos ‘verdes anos’ que se foram no tempo, mas que ainda se fixam no escritor que tanto se alimentou de suas substâncias (REGO, 2011, p. 18).

De acordo com fragmento, o romancista nos adverte sobre a possibilidade de esquecer algum nome ou data específicos que compõem o quadro da memória sócio-histórico-político e cultural que uma obra memorialística detém; o que, de certo modo, nos faz lembrar sobre o que Maurice Halbwachs, em *Memória Coletiva* (1990), fala a respeito da “seletividade da memória”. Corroborando, também, com as concepções de Paul Ricoeur, em *A memória, a história e o esquecimento* (2007), quando ele afirma que é na tensão entre a memória dos eventos, a consciência dessa memória e a seletividade que se dá nesse tipo de fonte, que o teórico trabalha com o conceito de “esquecimento”. Então, para Paul Ricoeur (2007), o esquecimento consiste na seletividade da memória. Tendo em vista que, o filósofo tentou encontrar linhas de raciocínio e de compreensão da realidade na nossa construção histórico-narrativa.

Destarte, levando em consideração o trecho acima extraído do prefácio do romance e o que Maurice Halbwachs (1990, p. 52-53) fala sobre a memória seletiva, o teórico, portanto, a denomina também como memória autobiográfica e memória histórica, quando ele afirma que: “Só conseguimos falar sobre a memória de um grupo, caso este esteja associado a um corpo ou a um cérebro individual. [...] é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam tomar lugar as suas lembranças [...]”. É, de certa maneira, o que José Lins do Rego (2011) afirma no prefácio do seu romance.

Então, é no bojo dessa discussão que percebemos a necessidade que o narrador-protagonista sente em recorrer às memórias do grupo ao qual ele pertence, para com isso, conseguir compor a sua obra memorialística. Pois, como discutimos acima, não se trata de um romance que

relata apenas as aventuras, as alegrias e as tristezas vividas por Dedé enquanto infante, mas também, sobre as memórias dos que compunham o seu grupo – o seu quadro de memórias, segundo Maurice Halbwachs (1990) –, assim como os demais sujeitos que visitavam o engenho Corredor e os que representavam a Paraíba canavieira da primeira metade do século XX.

Nesse sentido, um exemplo claro sobre essa necessidade de recorrer à memória dos que integram o seu grupo, para assim, conseguir compor e complementar as suas memórias, vemos explicitado no início dos capítulos um, três, cinco e nove:

Capítulo 1: TANTO ME CONTARAM A história que ela se transformou na minha primeira recordação da infância; Capítulo 3: DIZIAM QUE FORA MINHA mãe que antes de morrer pedira para que eu não fosse criado com meu pai. Fiquei assim no engenho do meu avô, aos cuidados da tia Maria; Capítulo 5: AS CONVERSAS DAS NEGRAS foram as primeiras crônicas que me deram notícias da minha família; Capítulo 9: OUTRO CENTRO DE CONVERSAS que muito me prendia era a destilação (REGO, 2011, p. 21; 23; 29; 34; grifos do autor).

Conforme as passagens, vemos que, na abertura de cada capítulo, o autor, provavelmente, de forma intencional, destaca o início de cada sentença em letras maiúsculas. Vejamos, se observarmos atentamente, percebemos que os enunciados “TANTO ME CONTARAM”, “DIZIAM QUE FORA MINHA”, “AS CONVERSAS DAS NEGRAS”, “OUTRO CENTRO DE CONVERSAS” (REGO, 2011, p. 21; 23; 29; 34), inferem que alguém está sempre auxiliando o narrador-protagonista no relato tanto das suas memórias quanto das memórias dos que compõem o seu projeto memorialístico; denotando, assim, uma certa dependência da personagem no que concerne ao discurso de alguém para reafirmar o seu, ou as narrativas de outros para complementar a sua. Uma vez que, “a memória, bem o sabemos, é um teatro pessoal e fabricada através de reconstituições íntimas ou míticas” (FARGE, 2011, p. 78). Dessa maneira, identificamos, com esses fragmentos literários, o

que Michael Pollak, em *Memória e Identidade Social* (1992), chama de “memória herdada e fontes orais”.

A respeito da memória herdada, Michael Pollak (1992, p. 201) afirma que: “[...] é perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada [...]”. É o que, de certo modo, acontece na narrativa de José Lins do Rego (2011). Isto é, além das memórias autobiográficas, Dedé narra sobre personagens que compunham um quadro de sua memória, fazendo uma contextualização sócio-histórico-político e cultural do momento em que decorreu os seus verdes anos, a saber: os engenhos de cana-de-açúcar; a presença de escravos livres nos engenhos e fazendas; a existência dos cangaços, dos coronéis, dos beatos; o patriarcalismo vigente; a construção da ferrovia; o regime político ditatorial (Cf. REGO, 2011). Ou seja, o que Michael Pollak (1992, p. 201) classifica como “socialização histórica e política”, que faz parte, de certa maneira, da memória herdada como defendido pelo teórico.

No que consiste às fontes orais, conseguimos identificar a frequente recorrência do narrador-protagonista ao grupo do qual ele pertence, para que assim, ele consiga tecer uma narrativa das memórias. Sendo essas memórias, portanto, compostas pelo relato oral dos membros do seu grupo e de outros, tais como: as suas tias, os empregados da fazenda do seu avô materno Bubu, os seus parentes, os amigos e os forasteiros que visitavam o engenho Corredor (Cf. REGO, 2011). O que, de certo modo, evidencia a valorização dessas fontes orais pela personagem central e, consequentemente, pelo autor do romance. Tendo em vista que, no cerne dessa discussão sobre “fontes orais” e “fontes escritas”, de acordo com Maurice Halbwachs (1990) e Michael Pollak (1992), há um frequente conflito entre estudiosos do discurso histórico a respeito da valorização das fontes escritas, assim como, com relação à desvalorização das fontes orais. Isso nos faz lembrar sobre o que Jacques Le Goff (1990) discute sobre “documento” e “monumento”.

A PRESENÇA DO TESTEMUNHO NA NARRATIVA REGUIANA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Além da presença das memórias individual, coletiva e histórica na obra romanesca em estudo, configurando-a, conforme as concepções de Alfredo Bosi (1994), como um “romance memorialista” – “o memorialismo oriundo da vontade pessoal e o regionalismo sociológico advindo do compromisso ideológico” (SILVA, 2013, p. 74) –, conseguimos identificar outro aspecto que nos remete ao que Paul Ricoeur (2007) denomina como o “testemunho”. Assim, tendo esse último uma relação intrínseca com a memória – pelos menos é o que constatamos na análise do nosso *corpus*, ao levarmos em consideração as reflexões de Maurice Halbwachs (1990) e Paul Ricoeur (2007) em relação ao testemunho –, os testemunhos em *Meus Verdes Anos* (2011) apresentam-se como um dos fios condutores na obra reguiana, tendo em vista que a memória é um deles. Pois, é a partir dos relatos das pessoas do seu grupo e de grupos ao seu redor, que o Dedé – além de ser protagonista, tem também a função de narrador-personagem – nos presenteia com testemunhos sobre as suas próprias experiências de sua tenra infância e da vivência de outrem na Paraíba canvieira do primeiro quartel do século XX.

É importante salientarmos que, são muitos os testemunhos que encontramos ao longo desse romance reguiano, mas elencaremos, a seguir, alguns que nos chamaram mais atenção. Não porque os demais sejam menos importantes, mas porque alguns dos que selecionamos estão diretamente ligados à formação identitária do protagonista Dedé, visto que, é “[...] através de pedaços de identidade encontrados, de falas ditas em dois lugares, entre dois males, podemos ver a história se fazer, se improvisar [...]” (FARGE, 2011, p. 80), dentre eles: o testemunho da negra Galdina a respeito da vinda dela da África; o do negro Isidro; e, com relação à seca de 1907.

Porém, antes de discutirmos sobre alguns desses elencados, vejamos o que Paul Ricoeur (2007) fala sobre o “testemunho”:

O testemunho nos leva, de um salto, das condições formais ao ‘conteúdo das coisas do passado’ (*praeterita*) das

condições de possibilidade ao processo efetivo da construção historiográfica. Com o testemunho, inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelos arquivos e pelos documentos e termina na prova documental (RICOEUR, 2007, p. 170, grifos do autor).

Ao levarmos em consideração as concepções de Paul Ricoeur (2007) sobre o testemunho, conseguimos identificar essas características presentes na obra romanesca em análise. Pois, percebemos que José Lins do Rego (2011) tece em sua narrativa testemunhos não apenas de suas situações pessoais e dos demais personagens que cercam o Dedé, mas que esses testemunhos fazem parte de acontecimentos “vividos por tabela”, como apontado por Michael Pollak (1992, p. 201) a respeito da memória coletiva e histórica. Dessa maneira, “parece que o real interesse do escritor aqui estudado era a biografia dos seus” (SILVA, 2013, p. 76). Exemplos claros desses testemunhos são os que foram listados acima, quando Dedé se dispõe a ouvir as histórias de vida de pessoas que faziam parte da classe menos favorecida pertencente à Paraíba canavieira – como é o caso dos negros recém libertos, mas que ainda trabalhavam sob circunstâncias desumanas na maioria dos engenhos de cana-de-açúcar paraibanos –, como também das mais bem respeitadas posições sociais, tais como: o clero, os políticos, os oficiais de justiça, as autoridades civis e os representantes do cangaço (Cf. REGO, 2011).

Com relação ao primeiro testemunho, reconhecemos que o narrador-protagonista dá voz à personagem feminina nomeada como negra Galdina, tendo essa última a oportunidade de testemunhar a sua vinda da África para o Brasil em um navio negreiro:

[...] A negra Galdina me afirmara que tudo era verdade. Ela também viera assim da Costa d’África. Ah!, como doía nas costas o chicote do homem que mandava nos negros. De manhã se subia para ver o sol. Todos estavam nus e fedia o buraco onde tinham que dormir. Mas de noite ouvia um rumor de bater de asas. Asas brancas que voavam por cima dela. Era o voo das almas que não podiam voar para o céu. Todas as noites elas vinham bater pelas janelas do barco. Elas só podiam voar para o céu, saindo da terra. Os corpos dos que eram sacudidos

na profundidade do mar não davam almas nem para o céu nem para o inferno. A negra Galdina, de olhar assim como o da cachorra Baronesa, de beijos caídos, contava para nós as histórias da África. Em língua estranha, soava o gemido da negra vovó. E mexia com os pés inchados, num sacudir de balanceado de terreiro. A prima e eu não entendíamos nada e era como se entendêssemos (REGO, 2011, p. 64).

De acordo com o excerto, presenciamos claramente o testemunho da negra Galdina em relação à sua vinda para Brasil como escrava. Sendo assim, percebemos que, “[...] a testemunha, clamando a sua fala, parece submergir o [testemunho] por um derramamento demasiado vivo de seus sentimentos [...]” (FARGE, 2011, p. 78). Dessa forma, é importante ressaltarmos que, apesar de já serem negros libertos, a maioria dos engenhos de cana-de-açúcar da Paraíba, no início do século XX, tinham como funcionários os antigos escravos negros e os seus descendentes. Portanto, é evidente, ao lermos *Meus Verdes Anos* (2011), presenciar os frequentes testemunhos dos funcionários do Coronel José Lins Cavalcanti de Albuquerque sobre os seus antepassados, a sua cultura, os seus costumes e demais elementos artístico-culturais afrodescendentes. Inobstante, um dos elementos mais presentes no enredo romanesco em estudo e nas palavras do narrador-protagonista consiste na sua atenção às histórias dos funcionários do seu avô Bubu. O que, de certa maneira, nos remete ao que Michael Pollak (1992) chama de a valorização das fontes orais, que, por sua vez, apresenta-se como a força motriz para os testemunhos nessa obra reguiana.

Um outro testemunho que nos chama atenção ao longo do romance consiste no do negro Isidro, filho de Romana, quando ele relata ao Dedé sobre as suas aventuras pela Paraíba canavieira em processo de industrialização e de conflitos sócio-políticos e civis:

[...] Um seu filho chamado Isidro se empregara com um inglês da estrada de ferro. Fora com o patrão ao Rio e voltara de lá de língua atravessada contando grandezas. O negro Isidro ainda guardava uma farda que vestia na casa do inglês. Mas possuía o dom da narrativa. Tudo o que contava se parecia com a verdade. Como a prima estivera no Rio, vinha ele para nós com as suas histórias

cheias de detalhes. Estivera na guerra de Floriano e marchara depois para a guerra de Canudos, onde perdera um braço. O frio do Rio, as frutas do Rio, as mulheres do Rio. Isidro chamava macaxera de aipim, jerimum de abóbora e falava mal dos trens. Trens eram os do Rio, onde havia quarto para se dormir e banheiro. Aquilo é que era trem. A prima exagerava ainda mais. Tudo o que havia no engenho não valia nada (REGO, 2011, p. 65-66).

Ao lermos o trecho, conseguimos observar no testemunho do negro Isidro, relatado pelo narrador-protagonista, a presença de diversos elementos que constituem tanto a memória individual quanto a coletiva e a histórica. Dessa maneira, tanto a Guerra de Floriano Peixoto (1890) quanto a de Canudos (1896-1897), apresentam-se como eventos históricos contundentes e riquíssimos para o testemunho do negro Isidro. Ademais, um aspecto importante ressaltado pelo narrador-protagonista consiste na facilidade de sua testemunha em narrar as suas experiências de vida, confirmando o que estamos discutindo sobre a valorização das fontes orais, por parte José Lins do Rego (2011), assim como, a configuração do testemunho como as “histórias de vida” – fazendo justiça ao título do presente tópico. Pois, vemos que, o testemunho “encontra sua expressão verbal na descrição da cena vivida em uma narração [...] pois a cena narra a si mesma nos termos da distinção proposta por Benveniste entre narrativa e discurso” (RICOEUR, 2007, p. 172).

Então, com relação à essa frequente narrativa e conversação nos testemunhos que o Dedé presencia ao ouvir as suas testemunhas, Paul Ricoeur (2007) afirma que:

[...] O uso corrente [do eu] na conversação comum preserva melhor os traços essenciais do ato de testemunhar que Dulong resume na seguinte definição: ‘Uma narrativa autobiográfica é autenticada de um acontecimento passado, seja essa narrativa realizada com condições informais ou formais’ (*Le Témoin Oculaire*, p. 43) (RICOEUR, 2007, p. 172, grifos do autor).

Dessarte, ao levarmos em consideração as concepções de Paul Ricoeur (2007) e os dois testemunhos analisados, constatamos que, esse frequente uso do “eu” na conversação no ato de testemunhar presente na

narrativa reguiana é uma característica comum nos demais testemunhos durante todo o romance de José Lins do Rego (2011). Dado que, como já mencionado, o narrador-protagonista recorre às lembranças dos funcionários do seu avô Bubu que o cercavam, como a exemplo da negra Galdina e do negro Isidro.

Isso posto, ao recorremos ao relato biográfico de Benjamin Abdala Jr. (2011) sobre as lembranças dos verdes anos que alimentaram as substâncias das memórias do escritor paraibano, José Lins do Rego “[...] aprendeu as primeiras crônicas familiares através das conversas das criadas. Fascinavam-no, em especial, as histórias das velha Tontônia, narrativas em versos originárias do cancionero ibérico [...]” (ABDALA JR., 2011, p. 192-193). Nasce e floresce daí, portanto, esse desejo por histórias sobre as experiências de vidas de outrem que José Lins do Rego ficcionou em obras como *O Menino de Engenho* (1932) e *Doidinho* (1933), bem como no romance em tela.

Em adição, outro testemunho que nos chama a atenção em *Meus Verdes Anos* (2011) consiste no do próprio Dedé sobre a seca de 1907:

[...] Os trabalhadores apareciam de olhos fundos. A gente de Crumataú descera para o refúgio do engenho parado. O meu avô pagava um dia de serviço com uma moeda de cruzado. E dava mel de furo ao povo. A destilação parou de fazer cachaça para que a matéria-prima servisse de alimento aos necessitados. Desciam do sertão pela estrada leves e leves de pobres famintos. Pela primeira vez vi de perto a fome. Meninos nos ossos, mulheres desnudas e homens arrastando-se sem forças. Paravam por debaixo do engenho e meu avô mandava distribuir farinha do barco com mel de furo (REGO, 2011, p. 53).

Assim, ao refletirmos sobre essa passagem, conseguimos identificar o sentimento do Dedé diante das dificuldades que os mais necessitados passavam no seu contexto sócio-histórico. Desse modo, reconhecemos que “[...] trata-se de uma literatura de esquerda, não preocupada com os dramas e as experiências de um indivíduo, mas com o corpo social e sua miséria” (SILVA, 2013, p. 71). Contudo, além de um testemunho

comovente, percebemos que o narrador-protagonista o endossa com uma riqueza de detalhes que, talvez, aquele não fosse totalmente ficcional.

Uma vez que, segundo Afonso Fávero (2001, p. 01), “[...] configurado o espaço, as situações mais específicas da região, notadamente as problemáticas como a seca, a fome, a febre, ajudam a definir a paisagem com a dramaticidade que comportam [...]”. Inobstante, de acordo com Talles Silva (2013, p. 74), ele afirma que acontece “[...] isso porque o escritor paraibano, comprometido com seu projeto artístico e político, empreende esforços para retratar as labutas de seu povo [...]”; o que, de certa forma, encontra-se explícito no excerto analisado acima e que se configura como uma das temáticas da obra reguiana em estudo.

No que concerne essa possível veracidade dos fatos e acontecimentos que o Dedé testemunhou, Paul Ricoeur (2007) a denomina como a especificidade do testemunho:

A especificidade do testemunho consiste no fato de que a asserção de realidade é inseparável de seu acoplamento com a autodesignação do sujeito que testemunha. Desse acoplamento procede a fórmula típica do testemunho: eu estava lá. O que se atesta é indivisamente a realidade da coisa passada e a presença do narrador nos locais de ocorrência [...] (RICOEUR, 2007, p. 172).

Mediante o testemunho sobre a seca de 1907 e as reflexões de Paul Ricoeur (2007), identificamos que há, nesse testemunho, uma especificidade no que diz respeito ao aspecto da possível veracidade dos acontecimentos tipicamente regionais que marcaram a vida do narrador-protagonista, de forma a nos explicitar uma denúncia biográfica com relação ao autor da obra e dos que fizeram parte do seu projeto memorialístico e testemunhal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação à memória, na perspectiva de Jacques Le Goff (1990), Maurice Halbwachs (1990), Michael Pollak (1992), Paul Ricoeur (2007) e Arlette Farge (2011), identificamos diversos tipos no romance, a saber: a individual, a coletiva, a autobiográfica, a histórica, dentre outras

especificações correspondentes a esses tipos de memória apontados pelos respectivos teóricos. Contudo, constatamos que, é através dessa variedade de tipos de memória que o autor constrói a sua obra de forma não só a consagrá-la como um grande exemplo da literatura modernista, regionalista e memorialista brasileira, mas como um patrimônio e monumento documental e de metaficção historiográfica sobre um determinado contexto sócio-histórico-político e cultural brasileiro, que consiste, portanto, na representação da Paraíba canavieira na primeira metade do século XX.

No que diz respeito ao testemunho, sob a ótica de Paul Ricoeur (2007) e de Arlette Farge (2011), encontramos diversos deles que contribuem de maneira significativa para a construção, reconstrução e resgate de um contexto socio-histórico-político e cultural que, outrora, não foi registrado através da literatura brasileira com a mesma intensidade e com a forma peculiar que José Lins do Rego registrou. Tendo em vista que, um dos aspectos que se destacam para a construção dos testemunhos em *Meus Verdes Anos* (2011) consiste na recorrência às lembranças de indivíduos do seu grupo e de diversos outros que o rodeiam, evidenciando, desse modo, a valorização das fontes orais. Em suma, percebemos que, os testemunhos na obra reguiana em tela se configuram, de fato, pelas histórias e experiências de vida daqueles que fizeram parte do quadro de memórias de José Lins do Rego e que, de certa maneira, é força motriz para o seu projeto memorialístico e testemunhal.

Em síntese, chegamos às considerações de que as memórias e testemunhos ilustrados pelo narrador-protagonista nos fazem refletir sobre a condição de sujeitos de diversos estratos sociais; indivíduos que, muitas vezes, não são lembrados pela História positivista – isto é, vemos que eles se apresentam como os excluídos da História –, mas, que contribuíram ativamente e de forma significativa para o desenvolvimento político e cultural de um determinado período e lugar. Além disso, como um bom regionalista, José Lins do Rego (2011) não esqueceu de ilustrar, seja pela voz do Dedé ou pelo discurso em viva voz das demais personagens, a condição de subalternidade de pessoas marginalizadas no nordeste brasileiro no primeiro quartel do século XX, tais como: os

negros, os mais necessitados financeiramente, as mulheres, os agricultores, os idosos, as profissionais do sexo, dentre outros em posição de subalternos presentes no referido romance reguiano.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR., Benjamin. Dados biográficos do autor. In: REGO, José Lins. **Meus Verdes Anos**: memórias. Apresentação: Fábio Lucas. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. p. 191-198.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego**: Modernismo e Regionalismo. São Paulo: Edart, 1961.

FARGE, Arlette. Do acontecimento. In: **Lugares para a História**. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 71-83.

FÁVERO, Afonso Henrique. Os meus verdes anos, de José Lins do Rego. **Revista do GELNE**. Natal, v. 03, n. 01, p. 01- 02, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9186>. Acesso em: 03 set. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Tradução: Monique Augras. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 05, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 18 maio 2021.

REGO, José Lins. **Meus Verdes Anos**: memórias. Apresentação: Fábio Lucas. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução: Alain François et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. Aurea e rastros nas memórias de José Lins do Rego. **Cadernos de Estudos Culturais**. Campo Grande, v. 05, n. 10, p. 125-141, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3673>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, Talles de Paula. O apelo autobiográfico na literatura brasileira: o caso de José Lins do Rego. *Analecta*. Guarapuava, v. 14, n. 01, p. 69- 83, 2013. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/analecta/article/view/3773>. Acesso em: 15 set. 2021.

FANATISMO RELIGIOSO E SEBASTIANISMO (1836-1838) EM PERNAMBUCO: REFLEXOS NO ROMANCE *PEDRA BONITA* (1938), DE JOSÉ LINS DO REGO

Denise Rocha²

INTRODUÇÃO

José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957)³ escreveu uma Adver-tência sobre *Pedra Bonita*: “A narrativa deste romance quase nada tem de ver com a geografia e o fato histórico desenrolado em Pernambuco nos princípios do século XIX”. (REGO, 1987, v.1, p. 1062). O ano de publicação da obra coincidia com o centenário da destruição do arraial homônimo, localizado na área de dois penedos paralelos, semelhantes às torres de uma igreja.



Fig. 1- Imensas pedras paralelas, localizadas no sítio Pedra Bonita (Sertão do Pajeú, PE) na área de Flores (atual São José de Belmonte)⁴

² Doutorado em Letras (UNESP). Professora do PPG em Letras (UFC).
CV: <http://lattes.cnpq.br/2543558632930157>

³ A produção literária do escritor é vasta. Romances: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho doce* (1939), *Água-mãe* (1941), *Fogo Morto* (1943), *Eurídice* (1947), *Cangaceiros* (1953). Memórias: *Meus Verdes Anos* (1956). Crônicas: *Gordos e magros* (1942), *Poesia e vida* (1945), *Homens, seres e coisas* (1952), *A casa e o homem* (1954), *Presença do Nordeste na literatura brasileira* (1957), *O vulcão e a fonte* (1958), *Dias idos e vividos*: antologia (1981), *Ligeiros Traços*: escritos de juventude (2007), *Flamengo é puro amor*: 111 crônicas escolhidas (2008). Literatura infanto-juvenil: *Histórias da Velha Totônia* (1936).

⁴ A denominação Pedra Bonita refere-se a duas pedras: A mais alta é coberta de minério brilhante de malacacheta, que reluz ao sol, e perto da menor tem uma elevação

Fato é que, o escritor paraibano, conhecido pela escrita sobre o apogeu e a decadência dos engenhos de cana-de-açúcar, evoca, com licença poética, um episódio documentado na historiografia nacional: a construção, a consolidação e a destruição do povoado, conhecido como Reino da Pedra Bonita (1836-1838), motivada pela denúncia de José Gomes Vieira sobre os sacrifícios humanos ali cometidos, por ordem dos líderes: João Ferreira e seu cunhado, Pedro Antônio dos Santos. Autodenominados reis, que usavam coroa, eles pregavam o retorno do soberano D. Sebastião I de Portugal, morto na batalha de Alcácer-Quibir (1578), e a igualdade socioeconômica na terra.

Tratava-se de um movimento messiânico de caráter sebastianista sobre a vinda de um redentor, que teve início no arraial da Pedra, na Serra do Rodeador (PE), em 1819, sob a liderança de Silvestre José dos Santos, mas que foi destruído, no ano de 1820.

A vida do antigo vaqueiro, José Gomes Vieira, testemunha real das barbáries, em 1838, constitui a essência da narrativa de José Lins do Rego que cria a saga ficcional dos descendentes do denunciante: Aparício Vieira, seu filho, é cangaceiro; e seu neto é o agricultor, Bentão Vieira, casado com a prima, Sinhá Josefina. Eles são pais de Deodato, que emigrou para o Amazonas; de Domício, cantador, que virou beato, em Pedra Bonita; de Aparício, que se tornou chefe dos cangaceiros; e de Antônio Bento Vieira, o jovem protagonista. Desde a seca de 1904, quando tinha 4 anos de idade, ele vivia na Vila do Açu, sob os cuidados do Padre Amâncio e da negra Maximina. A ação, que se inicia em 1916, evoca personagens históricos, como o Padre Cícero e os cangaceiros Jesuíno Brilhante, Cabeleira, Luis Padre, Antonio Silvino e Virgulino Lampião, como Aparício Vieira.

A família Vieira, residente em propriedade rural, localizada perto da Vila das Dores, na região serrana de Araticum, Pedra Bonita, carrega o estigma da traição de seu parente que provocou a tragédia. A matriarca falou para um dos filhos: “Domício, tu não fala a Bentinho

com um tipo de gruta meio subterrânea, chamada de comunidade do santuário, onde cabem cerca de 200 pessoas. (AQUINO, 2006, p. 18)

da Pedra. Aquilo foi há muito tempo, mas a gente ficou com a ferida aberta”. (REGO, 1987, v.1, p. 1169). Mas, o guardião da memória local, o ancião Zé Pedro, filho de um sobrevivente, narrou, com nostalgia, aos dois irmãos sobre os eventos terríveis.

Em época de lutas políticas entre o Coronel Clarimundo e o Major Evangelista, de ataques do bando de Aparício Vieira, irmão de Bentinho, que expulsaram os engenheiros e equipes que construíam a estrada de ferro em Vila do Açu, apareceu, proveniente da Bahia, um beato, que dizia se chamar Sebastião. Ele foi viver na área do arraial de Pedra Bonita, aniquilado em 1838:

Era um homem barbado, de cajado na mão, com um cavalo branco que fazia milagres. Já havia muita gente descendo para a Pedra. O velho Zé Pedro dizia ao povo que aquele era mesmo um enviado do Filho que há cem anos dera o sangue pelo povo. [...] Dizem que é branco e nunca ninguém viu ele dormindo. Agora estão dizendo que moça donzela na unha dele é mesmo que torrão de açúcar na boca, se desmancha num instante. [...] Lhe agaranto que o Padre Cicero não chega aos pés dele. (REGO, 1987, v.1, p. 1233; 1248)

O estudo, “Fanatismo religioso e sebastianismo (1836-1838) em Pernambuco: reflexos no romance *Pedra Bonita* (1938), de José Lins do Rego”, será realizado, sob a perspectiva do Regionalismo e a faceta do sebastianismo, bem como será exemplificado o vínculo entre a história e o mito.

O DESAPARECIMENTO DE D. SEBASTIÃO (1554-1578) E O SEBASTIANISMO NO BRASIL: história e mito

O surto messiânico milenarista de base portuguesa, que eclodiu em Pernambuco na primeira parte do século XIX, tem origem nas pregações de Joaquim de Fiore ou Joaquim de Flora (1135-1202), teólogo contemplativo da Ordem de Cluny, que escreveu, na obra *Concórdia Nova*, sobre as três idades escatológicas do mundo, as quais foram vinculadas à Santíssima Trindade (o Pai, o Filho e o Espírito Santo). (GOMES, 2013, p. 119 e 120).

O mito do retorno do Messias, do Salvador, do Redentor foi ali-cerçado em Portugal nos versos do sapateiro Gonçalo Annes, o Bandarra (1500-1556), que escreveu a respeito do renascimento de D. Sebastião I (1554-1578), morto na batalha de Alcácer Quibir (1578), no movimento de expansão do cristianismo em Marrocos, reino muçulmano. O corpo do soberano de 24 anos nunca foi encontrado, e por não ter herdeiros, a coroa lusa foi para seus parentes do Reino de Castela (1580-1648). Nesse momento de fragilidade política foi criada a lenda do sebastianismo, do regresso do Desejado, do Adormecido e do Encoberto que traria, novamente, concórdia e prosperidade para Portugal.⁵

As profecias messiânicas das trovas de Bandarra surgiram nas obras de Padre Antonio Vieira (1608-1697), *História do Futuro e Quinto Império do Mundo* (c. 1664) e de Fernando Pessoa (1888-1935), *Mensagem* (1934).

O sebastianismo, que foi consolidado em províncias nordestinas, por meio das pregações do Padre Antonio Vieira, que viveu no Maranhão, nos anos 1653 a 1661, e pela tradição oral, apoiada nos versos de Bandarra, ressurgiu, com caráter político-religioso nas cercanias de Bonito, na Serra do Rodeador (1819-1820)⁶ e na Pedra Bonita, na Serra Formosa (1836-1838).

⁵ As estrofes do cantador Bandarra falavam de D. Sebastião como o Messias, o Desejado de todas as nações e, por causa desta ideologia, que deu origem ao sebastianismo, ele foi acusado de heresia (1541), mas recebeu uma pena leve do tribunal do Santo Ofício e morreu em 1556, na sua terra natal.

⁶ Flávio J. G. Cabral, em *Reinos Encantados Del Rei D. Sebastião: Rebeldia e Contestação da Ordem nos Sertões Pernambucanos de 1820*, informa que Silvestre José dos Santos, ex-soldado e desertor do 12. Batalhão de Milícias, fundou um arraial, denominado de Reino ou Cidade do Paraíso Terreal, ao qual afluíram pessoas oriundas dos sítios do Meio, Bananeira e Pau D'Arco, Gengibre, da Ribeira do Rio Uma, do Rio Capibaribe, São José dos Bezerros, de Santo Antônio de Tracunhaém e dos sertões dos Cariris Velhos, no Ceará (CABRAL, 2003, p.1). A mensagem do líder, que fazia a invocação de uma “Santa de Pedra”, bem como pregava sobre a ressurreição de D. Sebastião (CASCUDO, 2012, p. 640), era que:

[...] os pobres enriqueceriam; alguns líderes da comunidade se transformariam em príncipes, aumentando a fortuna do lugar; o abominável sistema de recrutamento seria abolido; o sepultamento de ricos nos interiores dos templos católicos deixaria de acontecer; os pobres conquistariam a terra, quando então, um dia, aquele povo dali sairia para comandar o mundo e corrigi-lo. (CABRAL, 2003, p. 1)

O REINO DA PEDRA BONITA (1836-1838), NA SERRA FORMOSA

O segundo movimento sebastianista pernambucano ocorreu em Pedra Bonita, perto de Flores, comarca de Vila Bela, próxima à Serra Formosa, e teve três reis: João Antonio dos Santos, João Ferreira (Joca) e Pedro Antonio dos Santos. Todos foram apoiados pelos parentes deles, os Santos, os Ferreira e os Vieira.⁷ José Gomes (José Gomes Vieira), testemunha da tragédia de 14 de maio de 1838, a denunciou ao seu patrão, o fazendeiro e Major Manoel Pereira da Silva, Comissário de Polícia de Flores, o qual organizou a força expedicionária que atacou o arraial, no dia 18 de maio.

Depois de 36 anos da tragédia, Antonio Attico de Souza Leite esteve no local dos eventos, e conheceu alguns sobreviventes, como Levino, um menino na época dos eventos, que tinha fugido com seu irmão, quando viram os sacrifícios humanos, além da sua mãe Francisca e dos filhos de João Pilé. Baseado em testemunhos, em documentos oficiais e em um desenho feito pelo Padre Francisco José Correia de Albuquerque, que depois de 2 meses da desgraça, visitou o local e enterrou alguns corpos, Leite publicou um artigo, publicado em 1875 (RJ), e no ano de 1904, na *Revista do Instituto Archeológico e Geográfico*

Segundo as declarações aos padres José de Sousa e de José Luís da Cunha Bastos, feitas pelo agricultor, José Gomes Pereira, e testemunhas do movimento sebastianista, José Fernandes, os iniciantes eram conduzidos ao oratório por ele e outro que portavam espadas desembainhadas. Diante do altar, os iniciados juravam guardar segredo e morrer por causa de Jesus Cristo e del rei Dom Sebastião. (CABRAL, 2003, p. 3).

Os moradores do arraial, que viviam de roubos de gado, legumes e frutas de propriedades vizinhas, foram atacados, em 1820, a pedido do governador Luís do Rego Barreto (1778-1840), pelo capitão Manoel José de Castro do 12. Batalhão de Milícias de Bonito.

⁷ O clã dos Santos era constituído por Gonçalo, pai de José Antônio, Pedro Antônio (1 e 3. reis), de Josefa e de Izabel, que eram casadas com José Ferreira (2. rei).

O dos Ferreira era formado por José Maria Ferreira Juca etc.

A família Vieira abrangia José Joaquim, tio da testemunha José Gomes; Manoel, pai e filho (moço); José; Carlos, que degolou pessoas nos rituais, entre outros.

Manoel Vieira moço apresentava-se como Frei Simão, que era o nome de um franciscano da Ordem do Coração de Maria, residente na povoação de São Francisco, distrito de Serra Talhada.

Pernambucana, com o título, "Memoria sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na comarca de Villa Bella província de Pernambuco".

O autor escreveu sobre o fanatismo pessoal, transformado em coletivo, que ocasionou fatos impensáveis, presenciados por José Gomes Vieira, que dias antes tinha sido iludido por seu tio José Joaquim, para acompanhá-lo ao arraial, onde veria "cousas bonitas" e ajudá-lo "na defeza dos thesouros e do reino descoberto por João Antonio", os quais já "tinham sido desencantados por um rei muito sábio, mandado por elle de longe". (LEITE, 1904, p. 227).

O líder inicial de Pedra Bonita, João Antonio dos Santos, morador de Vila Bela, apareceu com duas pedrinhas e "dizia aos incautos habitantes daquelle lugar serem brilhantes finíssimos, tirados por elle próprio de uma mina encantada, que lhe fora revelada". O beato trazia um antigo folheto sobre o desaparecimento e a esperada ressurreição de D. Sebastião, o qual lhe teria mostrado a lagoa encantada, que tinha brilhantes, e falava das "duas bellissimas torres de um templo, já meio vizível, que seria por certo a cathedral do reino na época meio distante da sua restauração". (LEITE, 1904, p. 221).

O profeta reuniu adeptos de Piancó, Cariri, Riacho do Navio e das margens do rio São Francisco e instalou-se em Pedra Bonita, na qual desenvolveu uma estrutura coletiva e ritualística: o santuário (amplo espaço, meio subterrâneo) para realização de pregações e de matrimônios⁸ pelo falso frei Simão (Manoel Vieira moço); o refeitório; o trono ou púlpito; e a Casa Santa, onde eram realizadas as cerimônias de beberagens rituais de jurema e manacá e de inalação de outras substâncias por cachimbos para "vermos as riquezas", segundo o relato de José G. Vieira. (LEITE, 1904, p. 227 e 228).

Anteriormente, as doutrinas propagadas por João Antônio dos Santos assustaram o clero e, por isso, o padre missionário Francisco Correia Lima foi enviado para Pedra Bonita, a fim de persuadir o líder

⁸ Segundo José Vieira Gomes, no final da cerimônia, a noiva apertava seus lábios nos do noivo, e era entregue ao soberano para "dispensal-a. Consistia esta dispensa em passar a noiva ao poder do rei, que a restituía no outro dia ao marido completamente dispensada.". (LEITE, 1904, p. 228)

a abandonar suas práticas heréticas. Na fazenda Cachoeira, de Simplício Pereira da Silva, o religioso recebeu o falso profeta, que lhe entregou as duas pedrinhas, confessou seus pecados e partiu, com a esposa e filha, rumo ao rio do Peixe, pelo sertão dos Inhamuns e chegou em Suriá, na Província de Minas Gerais. (LEITE, 1904, p. 241 e 242).

O sucessor de João Antonio dos Santos foi seu cunhado, João Ferreira, oriundo de Souza ou de Catolé do Rocha (PB), que era casado com Josefa, e vivia em concubinato com Izabel, irmãs do primeiro rei. O novo soberano pregava que, o seu antecessor, João Antônio, estaria reunindo gente do Cariri e que retornaria para ajudá-lo na restauração do reino:

[...] de muitas glórias e riquezas, mas como tudo que era encantado só se desencantava com sangue, era necessário banhar-se as pedras e regar-se todo o campo vizinho com sangue dos velhos, dos moços, das crianças, e de irracionais; que isto, além de necessário para Dom Sebastião poder vir logo trazer as riquezas, era vantajoso para as pessoas, que se prestavam a socorrer-o assim; porque, si eram pretas, voltavam alvas como a lua, immortaes, ricas, e poderosas; e si eram velhas, vinham moças, e da mesma forma poderosas, e immortaes com todos os seus. (LEITE, 1904, p. 229)

No dia 14 de maio, João Ferreira distribuiu muito vinho alucinógeno de jurema e manacá, que tinha efeitos alucinógenos, declarou que el-rei D. Sebastião estaria muito triste e desgostoso porque os adeptos seriam incrédulos, fracos e falsos e os acusou de perseguirem o soberano luso: “não regando o campo encantado, e não lavando as duas torres da cathedral do seu reino com o sangue necessário para quebrar de uma vez este cruel encantamento”. (LEITE, 1904, p. 230).

A reação foi fatal: Carlos Vieira pegou um facão afiado para começar a degolar, depois para bater a cabeça nas pedras: o primeiro voluntário foi José Maria Ferreira Juca, pai do rei João Ferreira, seguido por homens e mulheres, que entregaram os filhos pequenos. Outros líderes também participaram da decapitação, como José Vieira, que, na pedra dos sacrifícios, decepcionou o braço de seu filho de 10 anos. Foram imolados 28 crianças, 11 mulheres, 12 homens e 14 cachorros. (LEITE,

1904, p. 247). Desesperado, José Vieira fugiu e relatou a matança ao seu patrão, o fazendeiro Major Manoel Pereira da Silva.

Na noite de 16 de maio, o líder João Ferreira apunhalou com mais de 70 facadas Josefa, sua esposa, por não aceitar o concubinato dele com sua irmã, Izabel, gestante de 8 meses, que também foi morta no ritual de sangue. (LEITE, 1904, p. 236). Revoltado, o irmão delas, Pedro Antonio dos Santos, declarou ter falado com D. Sebastião, incentivou o assassinato do rei e assumiu o poder em 17 de maio.

Na manhã do dia seguinte ocorreu o ataque das tropas que resultou na morte do Capitão Simplício e de Alexandre Pereira da Silva, irmãos do Major Manoel. Faleceram ainda o novo soberano Pedro Antonio e os outros líderes da seita: Joaquim Vieira, Carlos Vieira, José Vieira, Manoel Vieira, o pai. Outros faleceram na fuga das tropas: o falso frei Simão (Manoel Vieira, o moço) caiu perto da fazenda Lagoinha, e dois filhos do João Pilé tombaram na região entre a Serra Formosa e Conceição de Piancó. Pilé escondeu-se perto de Piancó, onde morreu de doença natural. (LEITE, 1904, p. 236 e 243). O iniciador da seita, João Antonio dos Santos, foi preso em Minas Gerais e morto durante o trajeto de retorno à comarca de Flores (PE).

José Lins do Rego, provavelmente, leu o amplo artigo de Antonio Attico de Souza Leite, a fim de compor seu romance, publicado em 1938.

A PERDIÇÃO NO ARRAIAL RELIGIOSO EM *PEDRA BONITA*, DE JOSÉ DE LINS DO REGO (1938)

A questão do poder de falsos profetas e da cegueira espiritual dos adeptos foi tema de algumas obras da literatura brasileira: *O reino encantado* (1878), de Araripe Júnior, *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), de José Lins do Rego e *Romance da pedra do reino* (1971), de Ariano Suassuna. Além de ter sido mencionada em *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha.

Este tipo de literatura, que evoca fatos dos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte (história, governo, coronelismo, banditismo, feminismo, religião, natureza, êxodo, identidade,

honra, religião, religiosidade etc.), pode ser classificada como regional ou regionalista.⁹

O romance, *Pedra Bonita*, descreve dois cotidianos, o da família Vieira, na zona rural, e o do povo da Vila do Açu: o dos políticos, Coronel Clarimundo, Major Evangelista, Major Cleto, Capitão Joca de Matos etc., o dos religiosos, Padre Amâncio, sua irmã Eufrásia, Francisca Monte, a zeladora da igreja, o sacristão Laurindo, as beatas Maria da Luz e Dona Auta, entre outros.

Os abalos em Açu foram provocados por dois episódios: o ataque de cangaceiros, liderados por Aparício Vieira, que resultou na chegada da força militar, e a aparição do beato Sebastião que repovoou Pedra Bonita. O padre Amâncio foi conversar com o falso profeta e foi salvo do linchamento por Domício Vieira, que tinha se tornado beato radical, e era irmão de Aparício, chefe dos cangaceiros e de Antônio Bento (Bentinho). As notícias sobre o fanatismo religioso resultaram nos preparativos de uma tropa expedicionária e Bentinho partiu para o arraial, a fim de comunicar sobre o perigo iminente finalizando a narrativa de Lins do Rego.

Descendente de José Gomes Vieira, testemunha da tragédia de Pedra Bonita, e de outros Vieira, líderes do movimento messiânico fatal,

⁹ Franklin Távora, no Prefácio do seu romance *O Cabeleira*, publicado em 1876, escreveu sobre sua constatação dialética da paisagem literária nacional: “As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra”. O autor esclarece que “A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro” e acrescenta: “A feição primitiva, unicamente modificada pela cultura que as raças, as índoles, e os costumes recebem dos tempos ou do progresso, pode-se afirmar que ainda se conserva ali em sua pureza, em sua genuína expressão”. (TÁVORA, 1997, p. 12).

¹⁰ Trata-se, de um lado, de um manifesto em prol da criação de uma literatura do norte, de um regionalismo autêntico, diferenciado daquele proposto por José de Alencar e, de outro, de uma oposição à literatura do sul, plena de influências estrangeiras e de anti-nacionalismo. Távora delineou seu programa regionalista, definido como “Literatura do Norte”, que foi concretizado na publicação posterior de suas obras, *O Matuto* (1878), *Sacrifício* (1879) e *Lourenço* (1881), e que influenciou os escritores José de Alencar, José do Patrocínio, Araripe Júnior, Rodolfo Teófilo, Lindolfo Rocha, Oliveira Paiva, Domingos Olímpio. Antônio Sales, Júlio Afrânio Peixoto, Carlos Dias Fernandes, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, e a escritora Rachel de Queiroz.

o adolescente Antônio Bento sentia-se rejeitado no Açú, pois a maioria dos habitantes criticava a sua origem. Um líder político, o Major Evangelista, dizia: “da Pedra Bonita não vinha gente que prestasse. O Padre Amâncio tinha uma cobra dentro de casa”. (REGO, 1987, v.1, p. 1119).

Em reencontro com Domício, no sítio familiar, o rapaz procura saber informações a respeito do tema tabu, Pedra Bonita e, por isso, viajam até a casinha de Zé Pedro, cujo pai era um menino, quando testemunhou a tragédia.

OS RELATOS DE ZÉ PEDRO SOBRE AS TRÊS PEDRAS: O PAI, O FILHO E O ESPÍRITO SANTO

Zé Pedro, que tentava acalmar os descendentes de Vieira sobre a culpa e a responsabilidade, disse que contaria tudo, “gemido por gemido, dor por dor”, sobre a chegada de Batista, uma referência ao João Batista, bíblico, que foi o mensageiro da vinda de Jesus. O personagem ficcional, que trazia três pedras, anunciava a vinda de um salvador, Antônio Ferreira:

[...] - “Ainda não sou eu. Só tenho as três pedras. Uma é o Padre, a outra é o Filho, a outra é o Espírito. Eu venho pra dizer que o Filho não tarda. Ele se chama Ferreira, vem no corpo de Antônio Ferreira, vencer os demônios, abrir a porta dos homens que não querem abrir para os pobres, botar os pobres no lugar dos ricos e os ricos no lugar dos pobres”. Batista vem do Piancó. Chegou na Pedra falou para os homens: - “Fica queta, gente. Ele vem, ele chega [...]”. (REGO, 1987, v.1, p. 1173)

No episódio histórico, João Antonio dos Santos trazia duas pedrinhas brilhantes, sem a simbologia religiosa que aparece na narrativa de José Lins do Rego, que mescla temas do milenarismo de Joaquim de Flora, acima mencionado, sobre as três idades escatológicas vinculadas à Santíssima Trindade (o Pai, o Filho e o Espírito Santo).

Saudoso de um tempo que não conheceu, Zé Pedro lamenta o ocorrido: “E vieram os malvados e levaram Batista para os confins. Mataram ele e tiraram o couro como se faz com os bodes”. Mas as três pedras ficaram enterradas na Pedra Bonita. No pé da Pedra ficou as

pedrinhas. Era o Pai, era o Filho, era o Espírito”. O narrador relata ainda sobre as promessas de riqueza material: “ele traz tudo que o Senhor diz que existe. A lagoa do sal vira em ouro”. (REGO, 1987, v.1, p. 1173) e a respeito da emoção da natureza personificada com a chegada do Filho e do arrebatamento espiritual de novos crentes de todas as classes sociais e financeiras:

Lá um dia os catolezeiros começaram a gemer, os pés de mato a gemer, a terra a bulir, a Pedra grande a suar. Descia da Pedra grande um suor frio de gente, era o Filho que vinha chegando na carne e no corpo de Antônio Ferreira. Era o Filho que vinha sofrendo pelos homens. Aí, menino, a Pedra ficou como nas missões do frei Fabiano. Vinha gente de cem léguas, povo de todo mundo, pretos e brancos, ricos e pobres. O Capitão Venâncio dos Olhos- d’Água vendeu tudo para viver lá. Vendeu a fazenda, vendeu o gado, deixou a mulher e veio junto da Pedra. Lá embaixo estavam as pedrinhas que eram o Pai e o Espírito. [...] (REGO, 1987, v.1, p. 1173)

Os milagres realizados por intercessão de Antônio Ferreira, o Filho, são mencionados: “Vinha cego de nascença, e ele curava. Vinha ferido de feder, e ele curava. Vinha entrevado, e ele curava”. (REGO, 1987, v.1, p. 1173).

O SACRIFÍCIO DAS DONZELAS E DOS INOCENTES

Zé Pedro relatava a dinâmica absurda das exigências do profeta Antônio Ferreira, que falava de sacrifícios humanos em prol do “grande milagre”, a do desencantamento da lagoa seca, cujo sal simbolizava as lágrimas dos sofredores do mundo, em lagoa de ouro:

Lá longe estava a lagoa de sal. Quando a seca chegava, a água se sumia e ficava aquele brancume por cima da terra. Era das lágrimas dos homens que sofriam, das mulheres que não podiam parir, dos meninos que não podiam falar. Daquela lagoa tinha que sair a felicidade do mundo. Daquela saía o ouro que dava para fazer a riqueza do mundo. Os pretos ficavam brancos, os doentes com saúde, as mulheres maninhas pariam meninos

gêmeos, os assassinos veriam os ofendidos satisfeitos, os ladrões entregavam as roupas, os cangaceiros as suas armas. Tudo viveria na felicidade, se a lagoa desencantasse. O Filho dizia isto nas orações, gritava pra o povo de cima da Pedra grande. (REGO, 1987, v.1, p. 1174)

Uma época de redenção para os oprimidos - meninos mudos, mulheres inférteis, enfermos, pretos discriminados, vítimas de bandidos - chegaria quando o sal virasse ouro, mas seria necessário alguns sacrifícios: o sangue dos inocentes e o das virgens que deveriam engravidar de Antônio Ferreira:

Todas as donzelas teriam que parir das entranhas do Filho. Todas teriam que dar a virgindade para que a força do Filho entrasse de madre adentro e secasse as ruindades, a porcaria do mundo. As virgens viravam santas pela força do Filho. [...] o povo dançava, chorava. Gemia com a fala do Filho. Os pais vinham dar as filhas pra o ato. As mães preparavam a meninas, defumavam o corpo delas, lavavam com água de cheiro o corpo por onde entraria o Filho de Deus. E as donzelas vinham vindo do santuário com a felicidade pegando fogo na madre. Era um pedaço de Deus que ficava lá dentro. (REGO, 1987, v.1, p. 1174)

A espera pelo dia do anunciado milagre reuniu cerca de 5000 pessoas debaixo de árvores, muitas das quais eram curadas. O Filho anunciou em uma madrugada: “Acorda, gente, hoje é o dia da nova criação do mundo. Deus meu Pai precisa do sangue dos inocentes para a obra da criação. Do sangue dos inocentes tinha que sair o mundo novo, a terra feliz”. Antônio Ferreira evocou um episódio do Antigo Testamento - o de Abraão que desejava sacrificar seu filho Isaac a Deus, mas não teve coragem para fazer- e a de sua decisão de realizar o sacrifício com seus filhos espirituais, iniciando as decapitações:

[...] - A cabeleira do Filho o vento sacudia e o céu parecia feito de sangue com a madrugada. O povo tremia. As mulheres agarradas com os filhos sem querer dar e os pais soluçando. E o Filho de Deus no corpo de Antônio Ferreira gritando: “Eu quero é o sangue dos inocentes. O sangue dos meninos que chupam os peitos das mães. O sangue que é leite ainda e que é como o sangue do

Menino de Deus”. E as mães choravam. O Filho de Deus foi mais para cima da Pedra grande e gritou com mais força: “Eu quero é o sangue dos inocentes. Deus meu Pai me mandou para desenterrar os tesouros da terra e salvar o seu mundo”. Aí as mulheres correram com os filhos para junto dele. E o Filho de Deus foi cortando cabeça por cabeça e banhando a Pedra. Mas as mulheres choravam com pena dos filhos. Era uma latomia de fim de mundo e o milagre não se deu. As mulheres choraram com pena dos filhos. (REGO, 1987, v.1, p. 1174)

O desencantamento da lagoa de sal em lagoa de ouro não ocorreu e o líder, que vertia lágrimas de sangue, culpou as genitoras que teriam aborrecido a Deus e ordenou a morte das “mães venenosas, as mães infelizes. Correram atrás das mulheres pela caatinga. Degolaram muitas para ver se as lágrimas do Filho de Deus ficavam brancas sem o sangue que era o sangue do mundo”. (REGO, 1987, v.1, p. 1175)

A DENÚNCIA E A DESTRUÇÃO

Testemunha das atrocidades, José Vieira (personagem histórico e ficcional) abandonou o arraial para informar as autoridades e tal atitude desgostou Zé Pedro que o chamou de Judas. O profeta colocou sua coroa de cipó e conduziu seu rebanho para o mato, no aguardo do ataque externo:

E se deu a desgraça. O Filho de Deus varado de bala, com o corpo sangrando, com cem punhais no coração. E a mortandade dos outros. Para mais de quinhentos estendidos na caatinga. O resto fugiu e os urubus tiveram carniça pra muitos dias. O corpo do Filho de Deus foi levado pelos devotos. Disseram que ele cheirava como um pé de roseira. E tudo se acabou como no dia de juízo. (REGO, 1987, v.1, p. 1175)

Zé Pedro fez uma profecia sobre o retorno do Filho de Deus: “A lagoa se desencanta. E o mundo inteiro cantará os benditos do Filho de Deus. E Deus vem para a terra. As pedras ficam moles, os riachos dão para correr dia e noite. E o sertão verde. Verde para todos os tempos”. (REGO, 1987, v.1, p. 1176)

O RESSURGIMENTO DE UM NOVO PROFETA E A VISITA DO PADRE AMÂNCIO

Na época, em que Bentinho, já adolescente, ainda vivia com o Padre Amâncio, em Açu, seus pais, Bentão e Josefina, moravam com Domício no sítio perto da Pedra Bonita. O outro irmão, Aparício, tal como o avô, tinha se tornado cangaceiro.

A chegada de um beato em Açu provocou no Padre Amâncio uma sensação de grave perigo: “Com pouco tempo todo o sertão se incendiaria, como sucedera no Ceará com o Padre Cícero. Todo o poder espiritual passaria para as mãos de um fanático, do que era somente instrumento do diabo”. (REGO, 1987, v.1, p. 1258). Sinhá Josefina foi arrebatada pela suposta mensagem divina e rumou com Bentão e Domício para Pedra Bonita.

Na época, em que o cangaceiro Aparício visitava os pais no reduto, Padre Amâncio, acompanhado por Bentinho, partiu para falar com o impostor, Antônio Ferreira, que berrou: “- Deus me mandou”. Ameaçado de linchamento, o idoso foi salvo por Domício Vieira, “considerado chefe dos fanáticos”, que disse: “O padre tinha vindo a favor deles”. (REGO, 1987, v.1, p. 1258).

Os fanáticos organizaram uma emboscada fatal com a tropa do Tenente Maurício, que se abastecia de água na região, e provocaram a organização de um grupo armado para exterminar o arraial. Bentinho partiu “a galope para Pedra Bonita”, a fim de alertar todos. (REGO, 1987, v.1, p. 1275). A mortandade foi tema da obra *Cangaceiros*, de 1953.

CONCLUSÃO

O estudo, “Fanatismo religioso e sebastianismo (1836-1838) em Pernambuco: reflexos no romance *Pedra Bonita* (1938), de José Lins do Rego”, evocou a dimensão da história do soberano D. Sebastião I de Portugal, morto na batalha de Alcácer-Quibir (1578), e a criação do mito de seu retorno para restaurar uma era de paz e de prosperidade, que

teve reflexos no interior maranhense e pernambucano, principalmente, no século XIX.

Uma perspectiva analisada foi a da estética regionalista, conforme o pensamento de Franklin Távora, no Prefácio do seu romance, *O Cabeleira* (1876), que enfatizou a dialética da paisagem literária nacional (Norte e Sul). Trata-se de um manifesto em prol da criação de uma literatura do norte, de um regionalismo autêntico, que começou a abordagem de episódios locais, principalmente inseridos no panorama histórico.

Nesse contexto, foi publicado *O reino encantado* (1878), de Arape Júnior, que abordou o tema do mito sebastianista e o do fenômeno redentorista em Pedra Bonita, que ecoou em *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), de José Lins do Rego. Este escritor enfatizou no primeiro romance que a ação teria pouca semelhança com o “fato histórico desenrolado em Pernambuco nos princípios do século XIX”. Constatou-se que ele dialogou com os relatos de Antônio A. de Souza Leite, autor da *Memoria sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na comarca de Villa Bella. Província de Pernambuco* (1875).

Na saga da histórica família Vieira ressalta-se que alguns membros se tornaram líderes do movimento messiânico, mas, um deles, José Gomes Vieira, fugiu para narrar sobre a carnificina ocorrida no arraial, e foi considerado um herói pela comunidade local e regional. No romance de José Lins do Rego, entretanto, seus descendentes, os do ramo de Bento, Josefa, Deodato, Domício e Antônio Bento (Bentinho) - se ressentem da participação dos antecessores na carnificina e são discriminados na vila do Açú e entorno.

A chegada de um novo beato, que reorganizou o arraial religioso, motivou Josefina a se mudar com o esposo para o local imerso no fanatismo religioso, e o filho Domício adentrou a seita na condição de beato convicto. Em movimento contrário ao do fato histórico, a denúncia de José G. Vieira à autoridade policial sobre os sacrifícios humanos, o protagonista ficcional, Antônio Bento Vieira, correu para Pedra Bonita para avisar do iminente ataque de forças armadas.

Lins do Rego mostrou nos dois romances, a força do misticismo religioso e a do cangaceirismo, que de forma cíclica, abalaram e dividiram a sociedade pernambucana entre os fanáticos admiradores e os inimigos apavorados.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Rubim S. Leão de. O reino da morte. **Nossa História**, ano 3, nº 30, p. 18-20, abr. 2006.

CABRAL, Flávio J. G. Reinos Encantados Del Rei D. Sebastião: Rebelia e Contestação da Ordem nos Sertões Pernambucanos de 1820. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História**- ANPUH, João Pessoa, 2003. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177544_60d87870c61861907c1a9e995d2824e4.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12 ed. São Paulo: Global, 2012.

GOMES, Antônio M. de. As fontes dos messianismos na literatura luso brasileira. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**, ano X, nº 18/19, p. 115-131.

LEITE, Antônio A. de Souza. Memoria sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na comarca de Villa Bella. Província de Pernambuco. **Revista do Instituto Archeológico e Geográfico Pernambucano**. Tomo XI, 1904. p. 217-248. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/Revista_do_Instituto_Archeologico_e_Geographico_Pernambucano%2C_Tomo_XI_%281904%29.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.

REGO, José Lins do. Pedra Bonita. In: _____. **Ficção Completa**. Introdução geral, O romancista José Lins do Rego, de Josué Montello. Apêndice e bibliografia. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.v. 1- p. 1061-1275.

TÁVORA, Franklin. **O Cabeleira**. Prefácio do autor. Apresentação de Teoberto Landim. Fortaleza: Diário do Nordeste, 1997.

ICONOGRAFIA

Fig. 1- Imensas pedras paralelas, localizadas no sítio Pedra Bonita (Sertão do Pajeú, PE), na área de Flores (atual São José de Belmonte). Disponível em:< https://tokdehistoria.files.wordpress.com/2016/05/dsc_0562.jpg?w=474>. Acesso em: 12 dez. 2021.

A CONTADORA DE HISTÓRIAS EM JOSÉ LINS DO REGO

Luciano Serafim da Silva¹⁰

Célia Regina Delácio Fernandes¹¹

DAS BOCAS PARA O PAPEL: REGISTROS DE MEMÓRIAS

Sem palavras, não há existência. Sem histórias, não há resistência. Como suportar a rotina muitas vezes maçante da vida — sem as falácias? Não dá! Certamente também para espantar o tédio, a humanidade desenvolveu a linguagem, o hábito de *contar*... Alertar que um animal era perigoso e convencer de que com determinada estratégia seria possível abatê-lo e se alimentar de suas carnes; informar que a correnteza de um rio era muito forte, mas subindo pela margem se chegava a um trecho mais raso onde era possível atravessá-lo em segurança; ensinar que tal fruta era doce ou azeda e havia modos de plantá-la para ter sempre à disposição... As possibilidades da comunicação, como sabemos, são inúmeras e vitais... Enfim: *contar* é um hábito tão antigo quanto o primeiro ser humano que conseguiu articular suas ideias.

Com o desenvolvimento da escrita, essas histórias e conhecimentos, contados e recontados através dos séculos e preservadas na memória dos povos, originaram o que hoje chamamos “maiusculamente” de *Literatura*. Em seu livro *Compêndio de literatura infantil*, Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1915-2008) afirma:

A literatura tem origem na evolução natural e espontânea da tradição oral. Sua fonte natural é o povo que, transmitindo suas impressões e experiências, ora engendra mitos supersticiosos, para explicar, fantásticamente, os fatos e os fenômenos da natureza, ora

¹⁰ Graduando em Letras (UFGD). CV: <http://lattes.cnpq.br/9878284941273204>

¹¹ Doutora em Teoria e História Literária (UNICAMP). Professora da graduação e da pós-graduação em Letras (UFGD). CV: <http://lattes.cnpq.br/4978877013343192>

historia episódios heróicos, exaltando seus valentes guerreiros, ora fantasia acontecimentos sentimentais ou míticos, criando, assim, extraordinárias fontes literárias (CARVALHO, s.d., p. 15).

A poeta e educadora Cecília Meireles (1901-1964), por sua vez, no livro *Problemas da literatura infantil*, simplifica a definição desse processo de construção da cultura ao longo dos tempos:

O ofício de contar histórias é remoto. Em todas as partes do mundo o encontramos: já os profetas o mencionam. E por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida.

[...] não se pode deixar de sentir uma profunda admiração por esses narradores anônimos que com a disciplina da sua memória e da sua palavra salvaram do esquecimento uma boa parte da educação da humanidade (MEIRELES, 1979, p. 41).

A autora de *Romanceiro de Inconfidência* arremata: “Não há quem não possua, entre suas aquisições da infância, a riqueza das tradições, recebidas por via oral. Elas precederam os livros, e muitas vezes os substituíram. Em certos casos, elas mesmas foram os conteúdos desses livros” (MEIRELES, 1979, p. 42).

Nesse viés literário, certamente podemos incluir todos os escritores, mas alguns deixaram as marcas da oralidade mais evidentes em suas obras, seja pelo seu estilo de escrita ou por trazer ao papel as vozes dos contadores de histórias. Marisa Lajolo e Regina Zilberman apontam isso, ao analisar a literatura infantil brasileira escrita entre 1920 e 1945, mencionando José Lins do Rego, com as *Histórias da Velha Totônia*, que resultaram da transposição literária das narrativas orais feitas por uma negra (LAJOLO; ZILBERMAN, 1986, p. 65).

Dentre os autores citados pelas pesquisadoras, o paraibano José Lins do Rego (1901-1957) foi talvez o que mais se valeu da oralidade e da memória para construir sua obra literária. Tido pela crítica como o “romancista da cana-de-açúcar”, por retratar na maioria dos seus livros

o apogeu e o declínio da oligarquia dos senhores de engenho da Paraíba, conseguiu traçar um vívido panorama de um modo de vida rural, hoje quase totalmente extinto, concentrando-se nas figuras populares, trazendo para as páginas dos seus livros as vivências, o falar — o *contar* — dessa gente.

Austregésilo de Athayde (1898-1993), em seu *Discurso de Recepção ao Acadêmico José Lins do Rego*, proferido no dia em que este tomou posse da cadeira nº 25 na Academia Brasileira de Letras, 15 de dezembro de 1956, aponta: “A vossa força de romancista está no soberbo poder da narração. [...]. Senhores de engenho, avós, tias e primas, moleques, vaqueiros, negrinhas libidinosas, santos e bandidos, todos são de sangue e carne, têm músculos e ossos”. (*apud* COUTINHO, 1980, p. 66).

Assim, notamos que José Lins do Rego conseguiu construir uma obra literária alicerçada pelas histórias populares, algo que surge desde o seu primeiro livro, *Menino de engenho* (1932), e que investigamos a seguir.

DEDÉ, CARLINHOS, ZÉ LINS — OS MENINOS E O HOMEM DE ENGENHOS

Algum leitor desavisado que percorra qualquer um dos romances de José Lins do Rego sem atentar para as páginas nas quais se traça o perfil do autor, pode pensar que se trata de um homem nascido em uma família de poucas posses, devido à maneira verossímil como ele retrata essa gente pobre e humilde — ou pior: humilhada — que se encontra em cada um dos seus livros. Engana-se.

José Lins do Rego era rebento de uma abastada família dona de engenho de açúcar da Paraíba. Nasceu no dia 3 de junho de 1901, no Engenho Corredor, em Pilar, cidade a 56 km da capital João Pessoa. Filho de João do Rego Cavalcanti e Amélia Rego Cavalcanti, José Lins ficou órfão muito cedo e passou a viver com o avô materno, José Lins Cavalcanti de Albuquerque, dono do engenho Corredor, aos cuidados da sua tia Maria. Foi desse convívio que retirou substrato para o seu livro de estreia, *Menino de engenho*, publicado em 1932 — e, podemos afirmar, para toda a sua obra ficcional.

Aos oito anos de idade, em 1909, o jovem Dedé, como era chamado, foi enviado ao colégio interno, o Internato Nossa Senhora do Carmo, em Itabaiana (PB). Três anos mais tarde, foi transferido para o Colégio Diocesano Pio X, em João Pessoa, onde permaneceu até 1915, quando se mudou para o Recife, cidade na qual estudou no Instituto Carneiro Leão e no Ginásio Pernambucano. Em 1919 matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, então uma das mais conceituadas do país, reduto de intelectuais como José Américo de Almeida (autor de *A bagaceira*) e Gilberto Freyre (*Casa Grande & Senzala*), de quem se tornou amigo. Esses períodos escolares são retratados com vivas cores em *Doidinho* (1933) e *Bangüê* (1934), completando assim a trilogia sobre o personagem Carlinhos (seu alter ego).

Em 1924, casou com Filomena Massa (Naná), filha de um senador. O casal teve três filhas: Maria Elisabeth, Maria da Glória e Maria Cristina. Em 1925 foi nomeado promotor público e por um ano exerceu o cargo em Manhuaçu (MG), desistindo de fazer carreira na magistratura. Foi trabalhar como fiscal de bancos em Maceió (AL), onde travou amizade com Graciliano Ramos (*Vidas Secas*), Jorge de Lima (*Essa Nega Fulô*), Rachel de Queiroz (*O Quinze*) e Aurélio Buarque de Holanda. Na capital alagoana escreveu e publicou seus dois primeiros romances, aclamados pela crítica como um sopro de novidade na literatura brasileira. Em 1935, transferiu-se em definitivo para o Rio de Janeiro, onde nos anos seguintes escreve sua obra literária enquanto exerce cargos diplomáticos e torce fervorosamente pelo Flamengo, time de futebol, paixão que foi tema do seu livro *Água-Mãe* (1941).

Aos três romances sobre Carlos de Melo, seguiram-se *Moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936), formando assim o que o próprio autor denominou Ciclo da Cana-de-Açúcar, conjunto de livros que retratam o apogeu e a derrocada dessa oligarquia no Nordeste, tema ao qual retornou naquela que é considerada sua obra-prima, *Fogo morto* (1943). Antes, porém, publicou *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce* (1939), *Água-Mãe* (Prêmio da Fundação Felipe de Oliveira) e *Eurídice* (1947, Prêmio Fábio Prado), além de alguns volumes de conferências, crônicas, ensaios e reportagens: *Gordos e magros* (1942); *Poesia e vida* (1942); *Pedro*

Américo (1943, conferência); *Conferências no Prata – Tendências do romance brasileiro*, Raul Pompéia e Machado de Assis (1946, conferência) *Bota de sete léguas* (1951, viagem); *Homens, seres e coisas* (1952); *A casa e o homem* (1954); *Roteiro de Israel* (1955, viagem); *Presença do Nordeste na literatura brasileira* (1957); *Gregos e troianos* (1957, viagem); *O vulcão e a fonte* (1958, póstuma) e as já citadas *Histórias da velha Totônia* (infantojuvenil, 1936) e autobiografia *Meus verdes anos*.

DO ENGENHO ÀS USINAS: AS EPOPEIAS POPULARES

Em nosso estudo, buscamos entender a importância da contadora de histórias para a formação de José Lins do Rego como escritor. Para tanto, investigamos como essa personagem é “retratada” por ele em seus dois primeiros romances, *Menino de engenho* e *Doidinho*, e na sua autobiografia *Meus verdes anos*, publicada em 1956, um ano antes de seu falecimento, vítima de hepatopatia, em 12 de setembro de 1957, no Rio de Janeiro.

Para uma melhor compreensão do universo que analisaremos, são necessários alguns esclarecimentos sobre os enredos dos livros que compõem o nosso *corpus* de pesquisa.

Menino de engenho é a história de Carlos de Melo, o Carlinhos, que aos 4 anos de idade tem a mãe (Clarice) assassinada pelo marido ciumento. Com o pai (não nomeado) enlouquecido e internado, o menino é levado pelo tio Juca para viver no engenho do avô materno, José Paulino, o Santa Rosa. Esse é o cenário das transformações por que passa o menino, dos 4 aos 12 anos idade, contadas por ele numa narrativa saudosista e pungente.

A estrutura narrativa forma uma espécie de mosaico, uma vez que cada capítulo corresponde a episódios em que o narrador Carlinhos vai esmiuçando as vidas dos que o cercam, revelando os pormenores do lugar: como funcionava o engenho comandado pelo avô; como era o modo de vida da casa-grande e dos agregados; as relações de poder e submissão entre as classes sociais, numa sociedade em que a escravidão havia sido

abolida há menos de 40 anos. Muitos dos moradores e trabalhadores são ex-escravos e filhos de ex-escravos que, por falta de alternativas de sobrevivência, continuaram vivendo nos engenhos — mal remunerados, na mesma servidão, décadas após a assinatura da Lei Áurea em 1888. Os moleques seus amigos, a gente do povo, com seus muitos dramas e suas parcas alegrias, reverberam em cada página.

Neste romance, o autor dedica um capítulo inteiro à Velha Totonha¹², que “andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das *Mil e uma noites*” (REGO, 2007, p. 79). Algumas das histórias contadas por ela neste breve capítulo — de número 21 — são desenvolvidas com mais detalhes (ou seja: *recontadas*) por José Lins do Rego e publicadas no volume *Histórias da Velha Totônia*, em 1936.

Nas últimas páginas de *Menino de engenho*, Carlinhos é levado para o internato pelo tio Juca. O segundo romance, *Doidinho*, é considerado “uma espécie de continuação de *Menino de engenho*” (VILLAÇA *apud* REGO, 2000, p. 17). Aqui, está em foco o primeiro ano de sua vida escolar, no colégio interno Instituto Nossa Senhora do Carmo¹³, dirigido com mãos de ferro e nenhum afago pelo professor Maciel.

O personagem Carlos de Melo, antes Carlinhos, recebe dos colegas de internato a alcunha de Doidinho, uma alusão à sua rebeldia, o que traz à tona a condição do seu pai, internado num hospício após ter assassinado a esposa por ciúmes. Se no livro anterior, o narrador rememorava os fatos, neste acrescenta mais ação, a trama é mais longa e apresenta várias nuances.

Junto com a saudade do engenho, Carlinhos é açoitado pelos castigos impostos pelo professor Maciel; pela convivência com amigos sinceros e colegas traiçoeiros; por novas experiências sexuais (nos braços da cozinheira Negra Paula, durante as férias). Em meio aos rigores do internato, um dos momentos de “alívio” do menino é quando chega para

¹² Notamos ao longo dos estudos que José Lins do Rego utilizou grafias diferentes para o nome da contadora de histórias. Nos livros ficcionais é *Totonha*, ao passo que na autobiografia é *Totônia*, assim como na compilação de contos *Histórias da Velha Totônia*.

¹³ José Lins do Rego dá ao colégio da ficção o mesmo nome daquele onde *realmente* estudou, Instituto Nossa Senhora do Carmo — INSC.

trabalhar na cozinha a sinhá Francisca, uma senhora negra que contava histórias de assombrações e feitiços.

Doidinho termina com o personagem Carlinhos fugindo do colégio, num dia 7 de setembro, quando ele fica sozinho após fingir passar mal e ser dispensado do desfile. O leitor fica sem saber se o avô o obrigou a voltar ao colégio (o mais provável)... Talvez saibamos em *Bangüê*, que conta o regresso de Carlos de Mello ao engenho, após terminar a faculdade de Direito. Mas, como esta obra não faz parte do nosso *corpus*, quem ficar muito curioso procure lê-lo.

Na orelha da quinta edição da autobiografia de José Lins do Rego, o estudioso Edilberto Coutinho indaga: “Ficção ou não?”. E após algumas considerações, finaliza: “*Meus verdes anos* é porta de entrada para se entender os borrados limites entre testemunho e ficção na obra de Zélin” (REGO, 1993).

Sobre este livro, publicado em 1956 (três anos após a publicação de *Eurídice*, seu último romance), José Lins do Rego afirma na apresentação do mesmo: “Fiz livro de memória, com a matéria retida pela engrenagem que a natureza me deu. Pode ser que escape a legitimidade de um nome ou uma data. Mas me ficou a realidade do acontecido como o grão na terra” (REGO, 1997, p. 3-4).

Impossível não afirmar que uma sinopse destas memórias é muito similar à do seu primeiro romance, *Menino de engenho*, com poucas mudanças de nomes de pessoas e personagens.

Meus verdes anos abarca a infância e pré-adolescência do escritor paraibano. O jovem Dedé (apelido de José Lins do Rego) é criado no engenho Corredor, de propriedade do seu avô José Lins, o velho Bubu, após o falecimento da mãe, que morreu em decorrência de complicações em um parto. A princípio sob os cuidados da tia Maria e depois da tia Naninha, longe do pai João do Rego, o menino asmático entra em contato com os moradores do engenho e a gente do eito, com senhores de engenho e suas famílias, sempre com ouvidos atentos às conversas alheias.

Assim, o autor tece um panorama da sociedade que o cercava, os engenhos de açúcar da Várzea do Paraíba. O enredo se detém em causos

de família e de agregados, na maioria ex-escravos, além de intrigas entre os senhores de engenhos por conta de rixas políticas. As brincadeiras e traquinagens de menino, inclusive descrevendo os primeiros arroubos sexuais com uma prima, além das dificuldades de aprendizagem escolar, são temas caros ao autor.

Para quem leu as obras ficcionais de José Lins do Rego e por fim se embrenha nas páginas de *Meus verdes anos*, relato que ele mesmo afirma ser autobiográfico, fica a questão crucial apontada por Eduardo Coutinho: onde termina a “realidade” e começa a ficção?

O espaço geográfico é o mesmo, a Várzea do Paraíba, ainda que o nome do engenho e o nome do avô do protagonista e de alguns personagens/pessoas sejam diferentes. No entanto, a maioria dos acontecimentos e de personagens/pessoas se repete nas obras ficcionais e nessa autobiografia. Figuram em ambas a velha Totônia/Totonha; a tia Maria; a prima Lili; o primo Silvino; o moleque Ricardo; a velha Galdina; a velha Janoca; a professora Judith; o capitão Vitorino Carneiro da Cunha; o coronel Lula e sua família, os Holanda Chacon, donos do vizinho engenho Santa Fé; o cego Torquato e o cangaceiro Antonio Silvino, entre diversos outros, como coronéis dos engenhos vizinhos do engenho Corredor (real) e o engenho Santa Rosa (fictício).

“UMA EDIÇÃO VIVA DAS MIL E UMA NOITES”: A VELHA TOTONHA

Um dado importante saltou aos nossos olhos, no decorrer desses estudos: o verbo *contar*, no sentido mesmo de relatar, é recorrente ao longo dos livros de José Lins do Rego que compõem o nosso *corpus*. Em *Menino de engenho*, o assassinato da mãe de Carlinhos pelo pai dele ganha ares de “contação de história” (ou pior: vira fofoca) ao ser rememorada pelos empregados, horas depois da tragédia consumada (REGO, 2007, p. 34). Em seguida, o narrador revela que foi criado por pais que liam e contavam histórias para ele, o que já o predispõe a ser um ouvinte de narrativas:

Ainda me lembro de meu pai. Era um homem alto e bonito, com uns olhos grandes e um bigode preto. Sempre que estava comigo, era a beijar-me, a contar-me histórias, a fazer-me as vontades. Tudo dele era para mim. Eu mexia nos seus livros, sujava as suas roupas, e meu pai não se importava (REGO, 2007, p. 35).

A minha mãe falava-me sempre do engenho como de um recanto do céu. E uma negra que ela trouxera para criada sabia tantas histórias de lá, das moagens, dos banhos de rio, das frutas e dos brinquedos, que me acostumei a imaginar o engenho como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso (REGO, 2007, p. 38).

Isso molda Carlinhos para sempre, pois ao longo de todo o livro, essas imagens são recorrentes e o seu interesse por histórias de todos os tipos vai crescendo, tornando-o um menino curioso, perspicaz. Após a internação de seu pai num manicômio, o órfão Carlinhos chega ao engenho do avô materno, o velho José Paulino, e interessa-se pelas narrações sobre a história da família; as fofocas das cozinheiras e das costureiras; as lendas de lobisomem e de fantasmas que povoam o imaginário popular... Tem alguém contando histórias ou fofocando? Pois lá está o moleque de ouvidos bem atentos e, por vezes, assustado, com a alma angustiada.

Carlinhos fica sob os cuidados da tia Maria e torna-se amigo de Lili, sua prima mais nova e adoentada, que vem a falecer: “Com a morte de Lili, a tia Maria ficou toda em cuidados comigo. Proibiu-me a liberdade que eu andava gozando como um libertino. Passava o dia a ensinar-me as letras. [...]. As conversas das costureiras começavam então a me prender.” [...]. (REGO, 2007, p. 46-47). Aí se apresenta outro tema que perpassa os dois primeiros livros de José Lins do Rego: o ensino imposto às crianças com métodos pouco adequados, o que acaba levando Carlinhos a rejeitar as cartilhas e se dedicar mais a ouvir as conversas das costureiras, como válvula de escape.

Tudo é mostrado com auras de fabulação. Desde os causos populares de assombração até as narrativas bíblicas, que são abordadas pelo narrador de modo por vezes cerimonioso. Ele dá importância exagerada

a tudo que as pessoas contam: “Pela semana santa contavam-nos as malvadezas dos judeus com Nosso Senhor — da coroa de espinhos, da lançada no coração e do sangue que correu da ferida e abriu os olhos de um cego que ficara por baixo da cruz. [...]” (2007, p. 70).

Uma temática que chama a atenção do menino e tira-lhe o sono são as histórias de assombração, lendas de lobisomem. Todo o capítulo 20 do romance traz diversas narrativas saídas da boca do povo, em noites de lua, ao redor das fogueiras.

Na Mata do Rolo estava aparecendo lobisomem. Na cozinha era no que se falava, num vulto daninho que pegava gente para beber sangue. Manuel Severino, quando voltava de uma novena, levava uma carreira do bicho. Ele mesmo contava:

— Eu vi o vulto partir pra cima de mim, e larguei as pernas num carreirão de cavalo desembestado. Olhei pra trás, e só vi o mato bulindo com um pé-de-vento de arrancar raiz.

As notícias do bicho misterioso chegavam com todos os detalhes. Uns afirmavam que José Cutia estava encantado outra vez. José Cutia era um comprador de ovos da Paraíba, um pobre homem que não tinha uma gota de sangue na cara. Andava sempre de noite, talvez para melhor fazer as suas caminhadas, sem sol. E por isto tinha-se na certa que era ele o lobisomem.

— Ele quer corar com o sangue dos outros.

E havia gente que até vira José Cutia por debaixo das ingazeiras virando bicho. As unhas cresciam como lâminas enormes, os pés ficavam como os de cabra, e os cabelos eram crinas de cavalo. Diziam que o homem grunhia como porco na faca, no momento de se encantar. Ele não queria, mas o seu corpo não podia viver sem sangue. E bancava lobisomem contra a vontade (REGO, 2007, p. 75).

Desse modo, revela como se dá a construção de mitos populares: uma pessoa conta para outra e, como diz o ditado, aumenta um ponto, tornando a lenda mais e mais interessante, fantasiosa. São histórias que deixam o menino Carlinhos impressionado para sempre, pois anos depois,

interno no colégio, longe dos lugares em que essas histórias assombrosas teriam ocorrido, ele conserva o medo, os sentimentos que experimentou ao ouvir aquelas lendas serem narradas.

Eu acreditava em tudo isto, e muitas vezes fui dormir com o susto destes bichos infernais. Na minha sensibilidade ia crescendo este terror pelo desconhecido, pelas matas escuras, pelos homens amarelos que comiam fígado de menino. E até grande, rapaz de colégio, quando passava pelos sombrios recantos dos lobisomens, era assoviando ou cantando alto para afugentar o medo que ia por mim. Os zumbis também existiam no engenho. [...]

Eles me contavam estas histórias dando detalhe por detalhe, que ninguém podia suspeitar da mentira. E a verdade é que para mim tudo isto criava uma vida real. O lobisomem existia, era de carne e osso, bebia sangue de gente. Eu acreditava nele com mais convicção do que acreditava em Deus. Ele ficava tão perto da gente, ali na Mata do Rolo, com as suas unhas de espetos e os seus pés de cabra! [...] O lobisomem lutava corpo a corpo com a gente viva. Era sair antes da meia-noite para a Mata do Rolo, e encontrá-lo (REGO, 2007, p. 76-77).

Se todo esse repertório já o deixava boquiaberto, o maravilhamento total se apossa do menino quando ele conhece as narrativas da velha Totonha, uma senhora simples que “vivía de contar histórias de Trancoso”. Ela surge pela primeira vez na página 71: “Às vezes vinha ao engenho por este tempo uma velha Totonha, que sabia uma Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo em versos e nos deixava com os olhos molhados de lágrimas com a sua narrativa dolorosa”. Mais adiante, a contadora de histórias tem todo o capítulo 21 dedicado a ela:

A Velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias de Trancoso. Pequenininha e toda engehlhada, tão leve que uma ventania poderia carregá-la, andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das *Mil e uma noites*. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens!

Sem nem um dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras.

As suas histórias para mim valiam tudo. Ela também sabia escolher o seu auditório. Não gostava de contar para o primo Silvino, porque ele se punha a tagarelar no meio das narrativas. Eu ficava calado, quieto, diante dela. Para este seu ouvinte a velha Totonha não conhecia cansaço. Repetia, contava mais uma, entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato, sempre com aquele seu sorriso de avó de gravura dos livros de história. E as suas lendas eram suas, ninguém sabia contar como ela. Havia uma nota pessoal nas modulações de sua voz e uma expressão de humanidade nos reis e nas rainhas dos seus contos. O seu Pequeno Polegar era diferente. A sua avó que engordava os meninos para comer era mais cruel que a das histórias que outros contavam.

A velha Totonha era uma grande artista para dramatizar. Ela subia e descia ao sublime sem forçar as situações, como a coisa mais natural deste mundo. Tinha uma memória de prodígio. Recitava contos inteiros em versos, intercalando de vez em quando pedaços de prosa, como notas explicativas. Havia a história de um homem condenado à morte. Os sinos já dobravam para o desgraçado que caminhava para a forca. Era acusado por crime de morte. Todos os indícios estavam contra ele. E quando o cortejo passava pela porta da casa de sua mulher em lágrimas, um seu filho que mamava tirou a boca do peito, e começou a falar em versos, e descobriu tudo, salvando o pai que ia morrer inocente. Os versos que esse menino recitava, a velha Totonha declamava com uma expressão de dor de arrepiar. As lágrimas vinham-me aos olhos com aquele lamento fanhoso de menino de peito a cantar.

Havia sempre rei e rainha, nos seus contos, e forca e adivinhações. E muito da vida, com as suas maldades e as suas grandezas, a gente encontrava naqueles heróis e naqueles intrigantes, que eram sempre castigados com mortes horríveis. O que fazia a velha Totonha mais curiosa era a cor local que ela punha nos seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino era como se estivesse

falando dum engenho fabuloso. Os rios e as florestas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com o Paraíba e a Mata do Rolo. O seu Barba-Azul era um senhor de engenho de Pernambuco.

[...]

Depois sinhá Totonha saía para outros engenhos, e eu ficava esperando pelo dia em que ela voltasse, com as suas histórias sempre novas para mim. Porque ela possuía um pedaço do gênio que não envelhece (REGO, 2007, p. 79-83).

“Como edição viva das *Mil e uma noites*” ... É dessa forma poética que o autor nos apresenta essa personagem tão fascinante e emblemática. O ouvinte ideal para a contadora experiente, senhora de seu ofício, é aquele que escuta sem a interromper, atento às peripécias do enredo. O público se encanta por Totonha devido à cor local que ela dá às suas narrativas, tornando as histórias mais próximas dos ouvintes, aumentando assim o encantamento e o lirismo.

Quatro das histórias que Totonha conta neste capítulo de *Menino de engenho* foram desenvolvidas com maior fôlego, recontadas por José Lins do Rego e publicadas no livro *Histórias da Velha Totônia*. A encantadora velhinha surge ainda em outros livros do escritor paraibano. Em *Doidinho*, há três menções a ela. Na primeira, talvez num lapso de memória do autor não corrigido nas revisões, a grafia do nome é diferente — *Totônia*: “[...] A velha Totônia contava dos feitos de santo Antônio, mas uma coisa ou outra me levava a duvidar de tudo aquilo. Por que não se faz o mesmo nos tempos de agora? (REGO, 2007, p. 55). Nas outras duas aparições, volta à grafia “original”, *Totonha*:

Não sabia o que era os retirantes caindo mortos pela estrada. Esta dolorosa realidade para mim era mesmo que os contos da sinhá Totonha (REGO, 2007, p. 99).

Levaram também em Itabaiana a *Vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Um Cristo muito barbado e um Judas feio demais. Não me fez o efeito que eu esperava, o desenrolar do drama maior de todos. Havia muita pedra de mentira no Horto das Oliveiras, muitos montes que a gente via que não eram montes. Não me

comovi com a malvadeza dos judeus. Tudo malfeito, sem realidade. Muito mais humana era a história contada de sinhá Totonha (REGO, 2007, p. 191).

Podemos afirmar que em *Doidinho*, o personagem Carlinhos sofre um processo de deslocamento, ao ser tirado do engenho e enviado para o colégio interno. Perde o conforto da casa do avô, em que até os agregados mais velhos o tratavam por “seu Carlinhos”, passando a ser apenas mais um entre tantos outros alunos. O professor Maciel o chama de Sr. Carlos, de uma maneira que mais parece uma reprimenda; os colegas o apelidam de Doidinho. É um processo de substituição, que ocorre até com relação à contadora de histórias. A Totonha do engenho dá lugar à sinhá Francisca: “Viera uma negra trabalhar na cozinha com Paula. Dizia que era de Recife, e sabia histórias para contar, histórias de feitiçarias de brancos castigados. [...]”. (REGO, 2000, p. 100-103).

Carlinhos busca o conforto das histórias, que são como um bálsamo contra a tirania do professor Maciel, o tédio das aulas, as palmatórias, a saudade e a solidão. E como todo narrador necessita de plateia, as contadoras defendem o seu ouvinte interessado dos empecilhos à audição.

Em *Meus verdes anos*, a contadora de histórias sinhá Totônia surge pela primeira vez no capítulo de número 21, o mesmo que em *Menino de engenho*.

Quando a velha Totônia aparecia para contar as suas histórias de princesas encantadas, a sua princesa teria aqueles cabelos anelados e aqueles olhos negros e aquela periquita que era o segredo do mundo. A voz da velha Totônia enchia o quarto, povoava a minha imaginação de tantos gestos, de tantas festas de rei, de tantas mouras-tortas perversas. Tinha a velha um poder mágico na voz. Era sogra do mestre Águeda, tanoeiro, um negro que mal abria a boca para falar. Tinha para mim um poder de maravilha tudo o que saía da boca murcha da velha Totônia.

— Conta outra.

E ela contava. E os príncipes pulavam das suas palavras como criaturas de carne e osso (REGO, 1997, p. 42).

A contadora aparece sempre em momentos em que o menino (aqui, Dedé, o jovem José Lins do Rego) vive alguma dificuldade, como quando adoece e tem uma surpresa:

A Velha Totônia amanhecera na casa-grande. A tia Naninha pediu para ficar comigo no quarto meio escuro. A velhinha valia para mim mais que todos os vomitórios. Aos poucos as princesas e os príncipes, o rei e a rainha, as moças encantadas começavam a viver no meio de todos nós. A voz macia da velhinha fazia andar um mundo de coisas extraordinárias (REGO, 1997, p. 75).

Há repetição não apenas de situações, mas principalmente das descrições da velha Totonha/Totônia, como nesta passagem: “As cenas dos encontros eram vividas pela velha Totônia com todos os tons de voz” (REGO, 1997, p. 75). E ao contrário das histórias que o assombravam e lhe causavam insônia, os contos fantásticos da velha o acalentavam: “A tia Naninha chegava para ver como eu estava. Nem parecia mais um doente. O meu puxado não resistira aos contos da velhinha” (REGO, 1997, p. 76).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em diversas entrevistas, em todos os tempos e lugares, muitos escritores afirmam terem sido despertados para a escrita após muitas leituras. O mesmo acontece com quem é um bom ouvinte. Foi assim o trajeto de José Lins do Rego e, por conseguinte, do personagem Carlinhos que, de tanto ouvir histórias, acaba por se tornar também um contador. Isso ocorre em *Menino de engenho*, quando ele se apaixona pela prima Maria Clara, que veio da capital para passar as férias no engenho. Como ela vive contando histórias dos filmes e das peças teatrais que assistiu, o garoto também conta o que sabe — e certamente inspirado em Totonha, querendo impressionar a amada, exagera nas cores, pondo-se como protagonista do que narra: a enchente do rio, as histórias do cangaceiro Antonio Silvino.

Sentávamos por debaixo dos gameleiros, nestas conversas compridas. Eu também contava as minhas coisas de engenho: o fogo no partido, a cheia cobrindo tudo

d'água. Exagerava-me para parecer impressionante à minha prima viajada. Ali mesmo onde estava sentada, o rio passara com mais de nado. A canoa se amarrara no gameleiro.

As nossas conversas iam longe. Maria Clara indagava por Antônio Silvino. Então me derramava em histórias. O cangaceiro se encantava em bicho. Uma tropa vinha atrás dele, e o que encontrava era um rebanho de carneiros. Uma vez matara uma onça numa luta corpo a corpo; quando não podia mais com a fera, lembrou-se do punhal: meteu o chapéu de couro no focinho da onça e enfiou-lhe a arma no coração. O couro desta onça era aquele que meu avô tinha na sala. (REGO, 2007, p. 122).

Ao longo da narrativa, o menino Carlinhos passa por muitas transformações e, ao nosso ver, a mais importante: a transformação do bom ouvinte no narrador hábil.

Nessa perspectiva, vemos a importância da contadora de histórias, mais especificamente da Velha Totonha, em obras de José Lins do Rego. No entanto, além daquela figura emblemática, nos deparamos com uma imensa gama de outros narradores, igualmente importantes para os enredos dos livros estudados. Em síntese, podemos afirmar que os romances *Menino de engenho* e *Doidinho* constituem a compilação inicial de um repertório narrativo que constitui a base de toda a obra do escritor paraibano.

Essa afirmação comprova-se quando cotejamos suas obras ficcionais com a autografia *Meus verdes anos*. Em ambas figuram quase que completamente as mesmas personagens e os mesmos episódios, com poucas mudanças entre uma e outra, o que ao invés de mostrar apenas um caráter repetitivo ou limitado, revela como o autor fez uso de tudo que conheceu, extraindo o máximo que podia, para a construção de sua literatura.

A marca da oralidade está muito presente, uma vez que tais relatos são ouvidos pelo autor/personagem, que os reproduz por meio da escrita, formando um extenso mosaico de referências.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Compêndio de literatura infantil*: para o 3º ano normal. 3. ed. ampliada. São Paulo: IBEP, s.d.

COUTINHO, EDILBERTO. *O ROMANCE DO AÇÚCAR*: JOSÉ LINS DO REGO, VIDA E OBRA. RIO DE JANEIRO, JOSÉ OLYMPIO, EM CONVÊNIO COM O INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO, 1980.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças*: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

MEIRELES, CECÍLIA. PROBLEMAS DA LITERATURA INFANTIL. 2. ED. SÃO PAULO: SUMMUS, 1979. (NOVAS BUSCAS EM EDUCAÇÃO; v.3).

RÊGO, JOSÉ LINS DO. *DOIDINHO*. 38. ED. RIO DE JANEIRO: JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 2000.

RÊGO, JOSÉ LINS DO. *HISTÓRIAS DA VELHA TOTÔNIA*. ILUSTRAÇÕES DE TOMAS SANTA ROSA. 11. ED. RIO DE JANEIRO: JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 1999.

RÊGO, JOSÉ LINS DO. *MENINO DE ENGENHO*. 94. ED. RIO DE JANEIRO: JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 2007.

RÊGO, JOSÉ LINS DO. *MEUS VERDES ANOS*. 4. ED. RIO DE JANEIRO: JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 1997.

VILLAÇA, ANTONIO CARLOS. “DOIDINHO”. IN: RÊGO, JOSÉ LINS DO. *DOIDINHO*. 38. ED. RIO DE JANEIRO: JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 2000.

O UNIVERSO LITERÁRIO REGIONALISTA EM *MENINO DE ENGENHO*, DE JOSÉ LINS DO REGO

Lucas Rosa da Silva¹⁴

INTRODUÇÃO

*“A cana cortada é uma foice.
Cortada num ângulo agudo,
ganha o gume afiado da foice
que a corta em foice, um dar-se mútuo.*

*Menino, o gume de uma cana
cortou-me ao quase de cegar-me,
e uma cicatriz, que não guardo,
soube dentro de mim guardar-se.*

*A cicatriz não tenho mais;
o inoculado, tenho ainda;
nunca soube é se o inoculado
(então) é vírus ou vacina.”*
(Menino de Engenho)

(MELO NETO, 1994, p. 417-418)

Autor de vários romances, o paraibano José Lins do Rego figura como um dos mais prestigiosos escritores da literatura nacional. Ao lado de Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e muitos outros, Zé Lins se tornou o mais importante escritor regional brasileiro. Participante ativo no Movimento Regionalista do Nordeste, o qual foi responsável por estimular o que se chama de Romance do Nordeste, Zé Lins mostra as faces do nordeste brasileiro da cultura à descrição paisagística.

¹⁴ Graduando em Letras – Língua Portuguesa (UFCEG).
CV: <http://lattes.cnpq.br/6550218612104548>

Com uma literatura de caráter impressionista, assim como o naturalista Raul Pompeia, José Lins do Rego faz um resgate de suas lembranças, produzindo assim, obras literárias memorialistas. Apesar de apresentar semelhanças quanto às características das produções da fase de transição Romantismo-Naturalismo, o romance do Nordeste se tingiu de aprofundamento das questões interioranas. “O novo compromisso dos anos 1930 elege, sobretudo, a prosa: de um lado, social e regionalista, de outro, introspectiva e urbana” (STEGNANO-PICCHIO, 2004, p. 523), e é na primeira onde é alcançada a crítica social no auge do engajamento. Dada a prioridade cronológica a José Américo de Almeida com a publicação de *A Bagaceira* (1928), onde foram introduzidos os temas dos retirantes, da seca e das particularidades da vida sertaneja, a literatura brasileira retoma uma página já explorada pelos românticos: o regionalismo. Como afirma Albuquerque Jr. (2011, p. 65), “o regional para o intelectual regionalista era um desfile de elementos culturais raros, pinçados como relíquias em via de extinção diante do progresso.”

As narrativas de José Lins do Rego se caracterizam pela forma espontânea e simples como se passa a história. Tanto é que pode-se notar uma certa despreocupação estilística por parte do autor. Portanto, o principal objetivo deste capítulo é desenvolver uma análise do romance *Menino de Engenho*, levando em consideração os recursos utilizados por José Lins do Rego para expressar as características regionalistas em sua obra.

O PERCURSO DO REGIONALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

Os discursos regionalistas têm sua gênese na segunda metade do século XIX. “Este regionalismo se caracterizava [...] pelo seu apego a questões provincianas ou locais [...]” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 60). As raízes do regionalismo estão no Romantismo. Bernardo Guimarães estreou a produção literária de caráter regionalista com a publicação de *O Ermitão de Muquém* (1869). No que tange à arte literária, nenhum outro escritor produziu obras com a qualidade de José de Alencar. Na

condição de escritor de romances regionalistas, Alencar procurou mostrar os aspectos das outras regiões que se encontravam distantes da Corte. O escritor cearense fez um recorte da vida do homem daquelas regiões e traçou a relação entre o humano e o meio onde ele estava inserido. Como exemplos de obras regionalistas de Alencar tem-se *O Gaúcho* (1870), *O Tronco do Ipê* (1871), *Til* (1872) e *O Sertanejo* (1875).

Não diferente das obras de Alencar, Bernardo Guimarães, em suas produções regionalistas, fez uso, precipuamente, da idealização exagerada e da linguagem de fácil acesso. O regionalismo segue com presença constante nas obras de alguns romancistas românticos. Visconde de Taunay, diferente de Bernardo Guimarães, conseguiu inserir a narrativa de *Inocência* (1872) num universo literário onde mais se encaixava a verossimilhança dos costumes, tradições e descrições do espaço. Já no final do período romântico, Franklin Távora, buscando mais ainda a verossimilhança nas produções literárias, escreve *O Cabeleira*, em um contexto de protesto relacionado ao olhar exclusivo para o sul do país.

O ápice da literatura regionalista se dá no Modernismo, mais precisamente na produção dos textos em prosa da literatura engajada. A publicação de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, das obras de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Êrico Veríssimo possibilitaram o tom de denúncia social de forma mais concreta e elaborada, como objetivava o movimento modernista. Já que “os projetos modernistas passavam pela incorporação dos diferentes Brasis, que substituíssem o Brasil *camouflé*, Brasil de elite afrancesada.” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 63). Além disso, a visão tida pelos naturalistas esvaiu-se no movimento modernista, pois “o que o modernismo fez foi incorporar o elemento regional a uma visibilidade e dizibilidade que oscilavam entre o cosmopolitismo e o nacionalismo, superando a visão exótica e pitoresca naturalista” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 69). Em 1946, com a publicação de Sagarana, e posteriormente, em Grande Sertão: veredas, o regionalismo é retomado por João Guimarães Rosa.

A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA REGIONALISTA EM *MENINO DE ENGENHO*

A obra *Menino de Engenho* narra a história do menino Carlos de Melo que, após a morte da mãe, assassinada pelo marido, muda-se para a casa de seu avô que vive no interior. Lá, Carlinhos tem contato com os costumes e tradições típicas da região, aprende muito da vida sertaneja e testemunha como funcionava a vida nos engenhos da época. O narrador é o próprio protagonista, que descreve e amiúda o espaço, as comidas e os bichos nativos. O jovem rapaz tem uma iniciação sexual precoce, e devido ao seu amadurecimento lampo, é mandado pelo avô para um internato. *Menino de Engenho* mostra as mudanças do velho engenho para as usinas modernas, como aponta Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*:

Um romancista nordestino, o Sr. José Lins do Rego, fixou em episódios significativos a evolução crítica que ali também, por sua vez, vai arruinando os velhos hábitos patriarcais, mantidos até aqui pela inércia; hábitos que o meio não só deixou de estimular, como principia a condenar irremediavelmente. O desaparecimento do velho engenho, engolido pela usina moderna, a queda de prestígio do antigo sistema agrário e o novo tipo de senhores de empresas concebidas à maneira de estabelecimentos industriais urbanos indicam bem claramente em que rumo se faz essa evolução. (HOLANDA, 1995, p. 175-176).

Menino de Engenho é um livro que introduz a contextualização de mudança da região do Nordeste brasileiro, mas que ao mesmo tempo mostra a permanência da escravidão e da presença marcante de personagens paternalistas, como aponta José Aderaldo Castello (2004):

Menino de Engenho (...) configura um mundo cercado por determinados valores e tradições no universo do Nordeste brasileiro, surpreendido numa fase aguda de mudanças. Investiga-se o abalo de estruturas de uma sociedade rural aristocratizante, latifundiária e escravocrata. Esse mundo dentro desse universo complexo é o “mundo” do Menino de Engenho, de onde partem

experiências diversificadoras para a caracterização de uma realidade totalizadora e ao mesmo tempo de destino individual. (CASTELLO, 2004, p. 288)

A obra faz parte do “ciclo da cana-de-açúcar”, série de romances do escritor José Lins do Rego, onde é apresentada a decadência dos engenhos. Otto Maria Carpeaux ressalta a importância dessas obras para a literatura nacional:

Obra definitiva é o “ciclo da cana-de-açúcar”, cinco romances em que José Lins do Rego descreveu a decadência das velhas famílias e de seus engenhos e a inquietação principiante dos negros e mulatos: obra de grande força evocativa e que já pertence ao patrimônio permanente da literatura brasileira. (CARPEAUX, 2012, p. 145)

O “ciclo da cana-de-açúcar” é resultado do conjunto de memórias guardado pelo escritor que possibilitou uma certa mistura entre ficção e autobiografia. As obras que compõem esse título, que foi dado pelo próprio autor, mostram “a ruína de uma realidade social, a do rude patriarcado nordestino que uma nova etapa da economia tornou decadente [...]” (CASTRO, 2018, p. 16). Evidência dessa mistura é o foco narrativo em primeira pessoa, uma vez que o autor está se colocando na posição de quem recorda. Um acúmulo de impressões possibilitou a criação das obras de José Lins do Rego, e a obra pertencente ao “ciclo da cana-de-açúcar” faz constantes referências às memórias do autor, o que é possível ver também na principal obra de Raul Pompeia (*O Ateneu*), mas que apesar da relação entre as memórias do autor e o protagonista do romance, é possível destacar aqui um distanciamento entre ambos, como afirma o crítico Massaud Moisés:

Percebe-se mesmo, sobretudo em *Menino de Engenho*, uma atmosfera de crônica, “crônica de saudades”, à *O Ateneu*, cujo protagonista é lembrado nas linhas finais. Influência? Mais propriamente coincidência. (...) Pelo seu andamento, o ciclo lembra um diário íntimo, em que as ocorrências do dia a dia no engenho (...). A rigor, o ciclo da cana-de-açúcar nem precisava ser narrado na primeira pessoa. A terceira pessoa, em que o narrador se manifesta, camuflada na primeira, é que governa a

ação. Nota-se uma distância entre o narrador/autor e o protagonista Carlos de Melo que deixa transparecer, no emprego da primeira pessoa, mais um truque de verossimilhança documental que o registro de um tempo perdido. (MOISÉS, 2019, p. 179-180)

José Lins do Rego, usando seu conhecimento sobre a vida sertaneja, apresenta alguns costumes típicos da região, buscando chamar a atenção do leitor. “A literatura, em geral, traz à tona tudo que a história (oficial ou não) por princípio ou metodologia costuma evitar: as gentes, sua índole, suas paixões e fraquezas, os cotidianos, o disse-me-disseram, o humano dos personagens” (PROENÇA, 2018, p. 13). Seguindo esse raciocínio, vê-se que José Lins do Rego não economizou detalhes, descrições, a análise do fator psicológico dos personagens. A passagem que segue acontece após a ida de Carlinhos ao engenho de seu avô e exemplifica a afirmação feita acima:

De manhã me levaram para tomar leite ao pé da vaca. Era um leite de espuma, ainda morno da quentura materna. O meu avô andava vestido num grande e grosso sobretudo de lã, falando com uns, dando ordens a outros. Uma névoa como fumaça cobria os matos que ficavam nos altos. Os moleques das minhas brincadeiras da tarde, todos ocupados, uns levando latas de leite, outros metidos com os pastoreadores no curral. Tudo aquilo para mim era uma delícia, o gado, o leite de espuma morna, o frio das cinco horas da manhã, a figura alta e solene do meu avô. (REGO, 2018, p. 32)

O protagonista afirma gostar de todas aquelas ações, e a partir delas, José Lins do Rego constrói a identidade do personagem com base em suas memórias e experiências vividas em um ambiente semelhante ao que foi apresentado na ficção. Abandonando de vez a idealização do romantismo e também a impessoalidade do realismo, *Menino de Engenho*, assim como as outras obras regionalistas da geração de 30, destacam a influência do meio e o que ele pode provocar no indivíduo.

Além dos registros de caráter afetivo, aparecem outros elementos ligados ao fator psicológico dos personagens:

O nome do cangaceiro era bastante para mudar o tom de uma conversa. Falava-se dele baixinho, em cochicho (...). Para os meninos, a presença de Antônio Silvino era como se fosse a de um rei das nossas histórias, que nos marcasse uma visita. Um dos nossos brinquedos mais preferidos era até o de fingirmos de bando de cangaceiros, com espadas de pau e cacetes no ombro, e o mais forte dos nossos fazendo de Antônio Silvino. (REGO, 2018, p. 40)

Em visita ao engenho Santa Rosa, o cangaceiro Antônio Silvino e seu bando levam consigo o pavor para os moradores da localidade, com exceção das crianças, que viam a figura do cangaceiro como um herói. No Brasil, o cangaço tem início ainda no século XIX, mas alcança seu ápice no início do século XX, tempo em que os acontecimentos da narrativa de *Menino de Engenho* se ambientaram. O cangaço é visto com muita ambiguidade: de um lado estão os que veem a prática do cangaço como uma forma de banditismo social¹⁵, do outro, geralmente composto pelas classes marginalizadas, a figura do cangaceiro é vista como sinônimo de heroísmo. Antônio Silvino é outro exemplo de personagem fictício que José Lins do Rego teve contato na infância.

Aspectos culturais ligados ao folclore também aparecem em abundância em *Menino de Engenho*:

Na mata do rolo estava aparecendo lobisomem. Na cozinha, era o que se falava, num vulto daninho que pegava gente para beber sangue. Manuel Severino, quando voltava de uma novena, levava uma carreira do bicho (...). E o lobisomem bebia sangue também dos animais, chupava os cavalos no pescoço. O poldro coringa do meu avô amanheceu um dia com um talho minando sangue. O lobisomem andara de noite pelas estrebarias. (REGO, 2018, p. 67-69)

Um dos objetivos do movimento modernista era a valorização da cultura brasileira. Desse modo, não poderia faltar a referência às tra-

¹⁵ “O banditismo social, fenômeno universal e praticamente imutável, pouco mais é do que um endêmico protesto camponês contra a opressão e a pobreza; um grito de vingança contra os ricos e os opressores, um vago sonho de conseguir impor-lhes alguma forma de controle, uma reparação de injustiças individuais.” (HOBSBAWM, 1978, p. 15)

dições da narrativa oral. A caracterização da figura do lobisomem feita pelo menino Carlinhos está ligada, sem dúvida alguma, às memórias que José Lins do Rego tem das histórias que foram repassadas ainda na sua infância. O escritor trouxe para o romance as histórias que eram contadas naquela região, buscou se aproximar ao máximo do falar popular, para que se fizesse uma descrição do povo interiorano com maior verossimilhança.

Um método muito utilizado por José Lins do Rego nas suas obras regionalistas é a caracterização do espaço. O escritor descreve o ambiente, mostrando elementos da terra com o objetivo de atrair a curiosidade do leitor para as peculiaridades da região em questão, como é possível notar no trecho:

Uma desolação de fim de vida, de ruína, que dá à paisagem rural uma melancolia de cemitério abandonado. Na bagaceira, crescendo, o mata-pasto de cobrir gente, o melão entrando pelas fornalhas, os moradores fugindo para outros engenhos, tudo deixado para um canto, e até os bois de carro vendidos para dar de comer aos seus donos. Ao lado da prosperidade e da riqueza do meu avô, eu vira ruir, até no prestígio de sua autoridade, aquele simpático velhinho que era o Coronel Lula de Holanda, com o seu Santa Fé caindo aos pedaços. (REGO, 2018, p. 96)

Nessa passagem do romance, Carlinhos mostra o início da decadência dos engenhos daquela localidade. O protagonista aponta ainda a perda da autoridade daqueles coronéis que não conseguiam evitar a chegada da modernização. Os velhos engenhos foram dando espaço ao iminente progresso que se aproximava. Com o objetivo de enfatizar a situação na qual os engenhos se encontravam, o narrador usa expressões como “tudo deixado para um canto” e “caindo aos pedaços”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho foi mostrado o surgimento da literatura de caráter regionalista e a evolução da escrita dos romances com essas características. Destarte, conclui-se que José Lins do Rego usou como

recursos de enriquecimento narrativo a caracterização do espaço, a menção de histórias da narrativa oral, o uso de suas memórias e de um conjunto de tradições e costumes típicos do homem do interior nordestino.

A narrativa de *Menino de Engenho* é conduzida pelas impressões do autor, que fez, nessa obra, uma mistura de ficção e realidade. A referida obra traz o abalo sofrido pela estrutura da sociedade rural do início do século XX com a chegada de uma nova forma de organização do meio social proporcionada pelo advento das usinas. Apesar de não ser o iniciador do regionalismo nas nossas letras, José Lins do Rego aprimora essa característica de maneira singular.

De um lado estão as idealizações criadas pelo escritor no início do romance como o assassinato de D. Clarisse, mãe de Carlinhos, e do outro, os dados biográficos do autor que remete às suas memórias do tempo de infância em que viveu no engenho de seu avô materno. Então, *Menino de Engenho*, apesar de ser o primeiro romance do escritor paraibano, mostra o que se pode esperar das obras que fazem parte do “ciclo da cana-de-açúcar”, tais como *Doidinho*, *Banguê*, *O Moleque Ricardo* e *Usina*. Estas fizeram com que José Lins do Rego se tornasse um dos expoentes da literatura nacional e estabelecesse o alto nível da composição dos escritores nordestinos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 53. ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

CARPEAUX, Otto Maria. **As tendências contemporâneas por Carpeaux**. Rio de Janeiro: LeYa, 2012. (História da literatura ocidental; v. 10)

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade (1500-1960)**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CASTRO, Marcos de. A emoção e a glória de um escritor. In: REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 110ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

HOBSBAWM, Eric J. **Rebeldes Primitivos**: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**, vol. III: desvairismo e tendências contemporâneas. 3ª. ed. ver. e atual. São Paulo: Cultrix, 2019.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Dois momentos sobre José Lins do Rego e Menino de Engenho. In: REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 110ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 110ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

STEGNANO-PICCHIO, Luciana. **História da Literatura Brasileira**. 2ª. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

COMPARAÇÕES ENTRE VITORINO E LARSEN, DUAS FIGURAS QUIXOTESCAS DE *FOGO MORTO* E *O ESTALEIRO*

Altamir Botoso¹⁶

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX e até os dias atuais, os estudos comparados têm se ampliado significativamente e se demonstrado um terreno bastante fértil, além de revelar novas possibilidades interpretativas e analíticas para teóricos, pesquisadores e críticos literários. A literatura comparada pode ser definida nos seguintes termos:

Qualquer estudo que incida sobre as relações entre duas ou mais literaturas nacionais pertence ao âmbito da literatura comparada. Essas relações podem ser estudadas sob vários enfoques: relações entre obra e obra; entre autor e autor; entre movimento e movimento; análise da fortuna crítica ou da fortuna da tradução de um autor em outro país que não o seu; estudo de um tema ou de uma personagem em várias literaturas etc. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 91).

Nota-se um vasto campo de atuação dos estudos comparatistas, que podem partir de relações entre duas ou mais obras, entre autores, movimentos literários, análise da fortuna crítica, temas, personagens etc. Nesse sentido, fica claro que as obras literárias mantêm um diálogo perene, por retomadas, empréstimos e trocas, pois

Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis; os textos da cultura anterior e os da cultura circundante, todo texto é um tecido novo de citações acabadas. Passam no texto, redistribuídos nele, pedaços de códigos, fórmulas, modelos rítmicos, fragmentos de linguagens sociais etc., pois, sempre há

¹⁶ Doutor em Letras (UNESP). Docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras (UEMS). CV: <http://lattes.cnpq.br/4996564101422445>

linguagens antes do texto e ao redor dele. A intertextualidade, condição de qualquer texto, qualquer que ele seja, não se reduz evidentemente a um problema de fontes ou de influências; o intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem é raramente localizável, de citações inconscientes ou automáticas feitas sem aspas. (BARTHES apud NITRINI, 2015, p. 165).

Pelo princípio da intertextualidade, fica comprovado que os textos literários são marcados por conexões, por relações de ideias, temas, formas e estilos, independentemente dos espaços físico-temporais em que foram produzidos.

Pautados pelo que foi exposto, o objetivo deste capítulo é estabelecer comparações entre os personagens Vitorino Carneiro da Cunha e Junta Larsen dos romances *Fogo morto* (1970), do brasileiro José Lins do Rego (1901-1957) e *O estaleiro* (2009), do uruguaio Juan Carlos Onetti (1909-1994), ressaltando as suas qualidades quixotescas em cada uma das obras apontadas.

LINS DO REGO E ONETTI: PERSONAGENS EM DECLÍNIO

A respeito da produção ficcional de José Lins do Rego (1901-1957), o crítico Eduardo F. Coutinho (1990, p. 15) observa que o

autor transcende com frequência os moldes do Regionalismo tradicional ao erigir o homem como eixo de sua narrativa. O contexto específico que caracteriza o regional (a várzea do Paraíba, no ciclo da cana-de-açúcar, e o sertão, no ciclo do cangaço, misticismo e seca) tem presença marcante na maioria de seus romances, mas é quase sempre enfocado através da figura humana. É esta, não a paisagem, que domina em sua obra: personagens que, embora típicos representantes do *locus* de onde emergem, são dotados de uma dimensão que extrapola a mera contingência, seres cuja problemática, sem deixar de estar enraizada no húmus do solo de origem, é também de ordem existencial, humana, universal.

Em *Fogo morto*, assim como em outras obras de Lins do Rego, verifica-se que o que se sobressai não é a paisagem nordestina, apesar de estar sempre presente, mas os dramas e os conflitos dos protagonistas. Esse romance é considerado pelos críticos como a obra-prima do escritor paraibano. Estruturado em três partes, trata de três personagens magistrais da literatura brasileira: o mestre José Amaro, seleiro de beira de estrada, o Coronel Lula de Holanda, proprietário de um engenho em decadência e um personagem que pode ser considerado como um Dom Quixote brasileiro, o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, vulgo Papa-Rabo, como o apelidaram as crianças do Pilar. A referida obra, “feit[a] à imagem e semelhança de um mundo prestes a desagregar-se, conjura todas as suas forças de resistência emotiva e fecha-se na auto-fruição de um tempo sem amanhã” (BOSI, 1987, p. 450).

Antonio Candido (1987, p. 76) pondera que *Fogo morto* é perpassado por um processo de repetição, que incute no leitor a caracterização dos personagens, que são sempre apresentados pelos mesmos traços e cacoetes:

José Lins do Rego, em *Fogo morto*, descreve obsessivamente três famílias, constituídas cada uma de três membros, com três pais inadequados, três mães sofredoras, tudo em três níveis de frustração e fracasso; e cada família é marcada, sempre que surgem os seus membros, pelos mesmos cacoetes, palavras análogas, pelos mesmos traços psicológicos, pelos mesmos elementos materiais, pelas mesmas invectivas contra o mundo. Trata-se de uma convencionalização muito marcada, que atua porque é regida pela necessidade de adequar as personagens à concepção da obra e às situações que constituem a sua trama. *Fogo morto* é dominado pelo tema geral da frustração, da decadência de um mundo homogêneo e fechado, localizado num espaço físico e social restrito, com pontos fixos de referência. A concentração, limitação e obsessão dos traços que caracterizam as personagens se ordenam convenientemente nesse universo, e são aceitos pelo leitor por corresponderem a uma atmosfera mais ampla, que o envolve desde o início do livro.

Podemos dizer que as personagens de *O estaleiro* também se caracterizam pela repetição de traços, pelas mesmas ações e reações no universo romanesco. Os dois livros mostram-se marcados pelo signo da repetição de elementos essenciais que reavivam a mente do leitor e o fazem ter uma visão detalhada de personagens e espaços, pois “a sua combinação, a sua repetição, a sua evocação nos mais variados contextos nos permite formar uma ideia completa, suficiente e convincente” (CANDIDO, 1987, p. 58) do universo romanesco pelo qual transitam os seres ficcionais.

Quase tudo em *Fogo morto*, com exceção de Vitorino, revela um universo que se desmancha, que se esfacela. José Amaro, expulso das terras do Coronel Lula, abandonado pela mulher, com a filha louca e internada num sanatório, não encontra mais sentido para sua vida e suicida-se. O Coronel Lula, com seu cabriolé, passa pelas estradas, tentando manter sua posição de senhor de engenho todo-poderoso, enquanto o mato invade o seu engenho, os arreios da sua charrete encontram-se puídos e as suas crises epiléticas tornam-se frequentes, como um sintoma de que a morte se aproxima cada vez mais.

De acordo com Bosi (1987, p. 442), a ficção de Lins do Rego classifica-se na tendência do romance de tensão crítica: o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formulando ou não em ideologias explícitas, o seu mal-estar permanente. Tal tendência pode ser observada em muitos de seus personagens, mas, particularmente, nos protagonistas de *Fogo morto*. Todos, a sua maneira, lutam contra as pressões do meio: Vitorino, em defesa dos desfavorecidos e oprimidos, Lula de Holanda e José Amaro, em causa própria. Lula procura assegurar a sua posição social como um senhor de engenho abastado apesar de já estar empobrecido, enquanto o mestre procura manter-se na terra da qual foi expulso. Em síntese, podemos considerar que, nos livros de Lins do Rego existe

a consciência de que tudo está condenado a adoecer, a morrer, a apodrecer. Há a certeza da decadência dos engenhos dos seus avós, de toda essa gente que produziu, como último produto, o homem engraçado e

triste que lhe erigiu o monumento. É grande literatura (CARPEAUX, 1986, p. 26).

Essa consciência de adoecer, morrer e apodrecer é também a mesma que permeia *O estaleiro*, narrativa na qual os personagens, num mundo degradado, aguardam o seu fim. Todos estão condenados, assim com o Mestre José Amaro e Lula de Holanda. Não lhes resta nenhuma saída e a morte é a única via possível para as suas existências.

Em relação a *O estaleiro*, Larsen pode ser visto como a síntese de todos os personagens onettianos, uma vez que ele é, em essência, um ser contraditório, dividido entre a realidade que o cerca (a decadência do estaleiro) e o sonho (a sua crença na reabilitação da propriedade falida de Jeremías Petrus). É também marcado pela falta de laços amorosos, pela incomunicabilidade com os demais personagens da obra e, em particular, com os habitantes de Santa María, cidade fictícia onde se passam muitas das histórias do escritor uruguaio.

Os personagens centrais de *O estaleiro*, Larsen, Jeremías Petrus e Gálvez, desde o início do relato, vivem dramas existenciais dos quais não há nenhuma saída possível. O trabalho no estaleiro é uma fraude. Eles fingem trabalhar, quando na verdade estão apenas vendendo peças do estaleiro como sucata, para poderem sobreviver. Tudo em volta deles parece ruir, desintegrar-se. Suas vidas são marcadas pelo fracasso e pela impossibilidade de qualquer melhora. Desse modo, só lhes resta aguardar o fim inevitável, a morte, pois

En las novelas de Onetti es difícil encontrar amaneceres luminosos, soles radiantes; sus personajes arrastran su cansancio de medianoche en medianoche, de madrugada en madrugada. El mundo parece desfilar frente a la mirada (desalentada, minuciosa, inválida) de alguien que no puede cerrar los ojos y que, en esa tensión agotadora, ve las imágenes un poco borrosas, confundiendo dimensiones, yuxtaponiendo cosas y rostros que se hallan, por ley, naturalmente alejados entre sí. Como sucede con otros novelistas de la fatalidad (Kafka, Faulkner, Beckett), la lectura de un libro de Onetti es por lo general exasperante. El lector pronto adquiere conciencia, y experiencia, de que los personajes

están siempre condenados; sólo resta la posibilidad —no demasiado fascinante— de hacer conjeturas sobre los probables términos de la segura condena. (BENEDETTI, 1993, p. 11).

É possível notar, portanto, que a morte é a condenação suprema dos personagens onettianos. Aprisionados num ambiente claustrofóbico, sem esperanças, arruinados, os passos de Larsen, Gálvez e Petrus concretizam a “segura condenação”: incomunicáveis e perdidos num mundo desolado, nada pode salvá-los.

O personagem Larsen tenta, quixotesicamente, reabilitar um estaleiro em ruínas, mas não tem sucesso. A sua luta é uma verdadeira batalha contra moinhos de vento, na qual ele se ilude, passa a acreditar nas mentiras do velho Petrus, proprietário do estaleiro, tenta conquistar sua filha, Angélica Inés, quando Petrus é preso e não há mais nada pelo que lutar. No fecho do romance, consciente de seu fracasso, acaba morrendo.

As narrativas de Juan Carlos Onetti possuem particularidades entre as quais se destacam o fato de tratarem de

vidas encerradas: el encierro en la ciudad (Montevideo, Buenos Aires), en recintos clausurados (habitaciones, cabaretes, oficinas); si sale al aire libre, la acción queda encerrada en la noche, las circunstancias encierran los personajes en sus manchas de suciedad... Estos personajes son solitarios fracasados. Han sido arrojados a un mundo hostil, que de desgaste en desgaste se precipita hacia la muerte. Sólo les queda chocar con la realidad, torturarse o tratar de escaparse hacia dentro. Cuanto más se escapan con recuerdos de juventud perdida, con ensueños, más se hunden en la soledad. Ambiente de pesimismo, de fatalismo, de desmoralización. Los ideales se apolillan; la amistad es un malentendido; [...]. La materia cruda de las primeras novelas se abre en meandros introspectivos en las últimas, [que] son novelas compuestas con fragmentos: cada fragmento con un ojo interior. Así, la visión novelística es múltiple, simultánea o contradictoria en varios estados narrativos, en varios estados temporales. (ANDERSON-IMBERT, 1966, p. 277).

Nos romances de Onetti, o leitor entra em contato com personagens que vivem em espaços fechados, isolados, como é o caso de Gálvez, Larsen e Jeremías Petrus. Esses personagens, quando percorrem o espaço exterior, geralmente o fazem à noite e, imersos nela, parecem dispersar-se, diluir-se, lembrando o poema de João Cabral de Melo Neto: “A noite dissolve os homens”. Os três são marcados pela solidão e pelo fracasso provocado pelo espaço em ruínas.

Além disso, o autor em epígrafe, perpetuando uma tradição literária que remonta a Balzac (1799-1850) e Stendhal (1783-1842), aproveita personagens secundários de outros romances e os transforma em protagonistas em outras histórias. Larsen, por exemplo, apareceu pela primeira vez na obra *Tierra de nadie*. Desse modo, a ficção onettiana mantém sempre um fio que se liga às obras anteriores e assim também procedia Lins do rego, cujos personagens estão sempre sendo “reaproveitados”. Algumas vezes são mencionados brevemente, para no romance seguintes tornarem-se o centro da narrativa.

Em suma, *El astillero* é considerado como sua obra-prima, pois trata-se de

una creación totalmente propia, un universo de calada intensidad, preciso como una pesadilla, imborrable como una alucinación. En ese mundo desgastado por el tiempo, claustrofóbico, encuentra Onetti la cifra con que expresar [...] el infierno de la vida cotidiana en las tierras del Plata. Con una lentitud exasperante, con una expresión torturada y hasta rencorosa [...], Onetti prosigue ahora su inventario de un mundo sin Dios, un mundo en que la muerte es la tentación definitiva, un mundo en que la pureza, la virginidad, la esperanza aparecen siempre mancilladas. Sus novelas (grandes o pequeñas) terminan por convertirse en la crónica de un paraíso perdido (OCAMPO, 1973, p. 187).

Verdadeiramente, o romance *O estaleiro* é marcado por um universo preciso e particular, onde os personagens, mais do que agir na sintagmática narrativa, deixam-se arrastar e contaminar pelo mundo degradado em que vivem. Eles parecem mergulhados num pesadelo e, como tal, estão à deriva, indefesos, sem chances ou vontade de luta.

Tudo nessa obra converge para o fato de que “la muerte es la tentación definitiva”, porque o homem, nessa narrativa em particular, é um ser condenado, e a vida é um longo percurso, cheio de transtornos e desilusões, onde fracos e fortes perecem. Em suma, a Onetti não

lhe bastava denunciar o atraso de uma terra ignota, a pobreza em que se subsumiam nossas cidades, e tampouco o cativavam suas compensações fantásticas ou mágicas. Não lhe interessava fazer deste novo mundo a morada última da aventura, palco para os arroubos épicos de que os europeus pareciam sentir tanta falta. O mínimo a que podia almejar era a revelação da desgraça humana em sua totalidade, em cada uma de suas múltiplas derrotas. [...] (FUKS, 2009, p. 21).

Tanto em *Fogo morto* quanto em *O estaleiro*, podemos observar que se trata de obras universais, uma vez que ambas trazem para o primeiro plano dilemas humanos, que deixam evidente que o homem, seja de que nacionalidade for, é um ser em conflito, em busca de um futuro e, muitas vezes, tentando resgatar o passado, mas está condenado ao eterno fracasso de todo ser humano que se confirma com a morte.

FIGURAÇÕES QUIXOTESCAS EM FOGO MORTO E O ESTALEIRO

Fogo morto estrutura-se em três partes, nas quais predominam o mestre José Amaro, o Coronel Lula de Holanda e o Coronel Vitorino Carneiro da Cunha. *O estaleiro* também se apoia em três personagens: Junta Larsen, Gálvez e Jeremías Petrus, que se opõem e se complementam ao longo das peripécias narrativas.

Larsen tenta, quixotesca, reabilitar um empreendimento em ruínas, mas não tem sucesso. Sua atuação quixotesca aproxima-se daquela do Capitão Vitorino, como comentaremos mais adiante. A sua luta é uma verdadeira batalha contra moinhos de vento, na qual ele se ilude, passa a acreditar nas mentiras do velho Petrus, proprietário da empresa que consertava barcos, tenta conquistar a filha deste, Angélica Inés, quando Petrus é preso e não há mais nada pelo que lutar. Na

primeira cena em que ele surge na narrativa, fica evidente o fato de ser alguém que se movimenta, que se desloca constantemente:

[...] Larsen desceu uma manhã no ponto dos “omnibuses” que chegam de Colón, deixou por um momento a valise no chão para puxar até os nós dos dedos os punhos de seda da camisa, e começou a entrar em Santa María, pouco depois de cessar a chuva, lento e gingando, talvez mais gordo, mais baixo, confundível e domado na aparência (ONETTI, 2009, p. 9).

Suas andanças o levam ao encontro de Jeremías Petrus, que o contrata como gerente geral do estaleiro. No entanto, fracassam tanto o propósito de gerenciar um local arruinado, quanto a intenção de casamento. Ele chega com esperanças de reconstruí-lo, mas aos poucos, vai perdendo a esperança, deixando-se dominar pelo desânimo:

Larsen ficou sozinho. Com as mãos às costas, pisando cuidadoso plantas e documentos, zonas de poeira, tábuas rangendo, começou a passear pelo enorme escritório vazio. As janelas haviam tido vidros, [...] (ONETTI, 2009, p. 35).

[...] adormeceu pensando que tinha chegado ao fim, que dentro de um par de meses não teria nem cama nem comida; que a velhice era indissimulável e já não lhe importava; [...] (ONETTI, 2009, p. 64).

Ressentido e magoado, porque fora expulso pelo governador, quando tentava montar um prostíbulo na cidade de Santa María, Larsen regressa para uma derradeira tentativa de prosperar, de se estabelecer, apesar de já se sentir envelhecido e destinado ao fracasso:

– Populacho verdadeiramente imundo – cuspiu Larsen; depois riu uma vez, solitário entre as quatro línguas de terra que formavam um canto, gordo, pequeno e sem rumo, encurvado contra os anos que havia vivido em Santa María, contra seu regresso, contra as nuvens compactas e baixas, contra a má sorte (ONETTI, 2009, p. 15).

Assim, a personagem passa a viver num mundo decadente, degradando-se também e se fechando cada vez mais, até que não encontra mais nenhuma saída e, ao tentar fugir daquela situação exasperante de comandar um estaleiro em ruínas, sem possibilidade alguma de concretizar seus projetos, encontra a morte. Nesse sentido,

[...] Toda la novela tiene así la marca simbólica del regreso al país de los muertos. Así como Ulises descende en busca de las sombras en aquel famoso canto de la Odisea, y Eneas baja al Averno con la rama dorada en la mano, y Dante se hunde, terceto tras terceto, en la Ciudad de Dite, Junta Larsen regresa a Santa María en El Astillero y allí encuentra no sólo su infierno sino la muerte propia (RODRÍGUEZ MONEGAL, 1974, p. 122).

O retorno de Larsen a Santa María o conduz à norte, uma vez que ela é a única saída para essa personagem, que aprisionada em um mundo de ruínas, tenta reergue-lo, movido por um ideal quixotesco. No entanto, o sonho de casar-se com a sua “Dulcinea” se desfaz, o estaleiro decai dia a dia e, com a prisão de seu dono, seus sonhos se desfazem, já não existe salvação para a empresa e tampouco para Larsen e os funcionários que se locomovem ali, encenando uma comédia de trabalho infrutífera e sem qualquer fim prático.

Em um acurado ensaio sobre o romance *Fogo morto*, “Um romanista da decadência”, Antonio Candido (1992, p. 61) afirma que José Lins do Rego

tem a vocação das situações anormais e dos personagens em desorganização. Os seus são sempre indivíduos colocados numa linha perigosa, em desequilíbrio instável entre o que foram e o que não serão mais, angustiados por essa condição de desequilíbrio que cria tensões dramáticas, ambientes densamente carregados de tragédia, atmosferas opressivas, em que o irremediável anda solto. [...] Em *Fogo Morto* há um pouco da atmosfera dos grandes russos, com aquela impiedade em desnudar o sofrimento e pôr a descoberto as profundezas da dor do homem.

Ainda em conformidade com o crítico referido, “[...] *Fogo Morto* é por excelência o romance dos grandes personagens”, porque são eles que “se alçam sobre tudo, dominando os problemas e os elementos com a sua humanidade” (CANDIDO, 1992, p. 62). Dessa maneira, Vitorino desponta como um verdadeiro Dom Quixote, característica assinalada por alguns estudiosos (CANDIDO, 1992, SOUZA, 2017), que idealiza as próprias ações, acreditando ser um herói que defende os oprimidos e ataca os opressores do povo:

[...] O Capitão Vitorino Carneiro da Cunha era apontado como um cidadão pacato que levava uma surra da força volante. No outro dia apareceu uma retificação. Era Vitorino que procurava o redator para contar tudo como se passara. Não levava surra nenhuma. Em luta com o tenente, que procurava humilhá-lo, fora ferido. Reagira à prisão. Toda esta perseguição só se podia atribuir às suas atitudes políticas. Estava contra o governo. [...] (REGO, 1970, p. 230).

A figura cômica de Vitorino vai se alterando ao longo das páginas do romance e ele passa a ser visto de uma maneira bastante diferente, sobretudo quando entra em luta com Antonio Silvino, chefe de um grupo de cangaceiros, que amedronta o povo do Pilar:

[...] Os matutos ouviam o Capitão Vitorino, sem dar muita importância. Todos sabiam que aquilo que ele dizia era só dos dentes para fora. [...] Mas a briga com Antonio Silvino fizera com que respeitassem o velho de língua solta. Fora o único homem da Ribeira que ousara rebelar-se contra o homem. Agora Vitorino podia dizer que furava de punhal que eles acreditavam. Os moleques da feira, os meninos da rua, passavam de longe sem mais aquela graça, aqueles motejos. [...] E assim o velho já não era aquele Papa-Rabo que maltratavam impiedosamente. Vivia Vitorino na conversa, nos arrancos de desaforos, contra os homens da terra. (REGO, 1970, p. 262)

Em face dos outros dois protagonistas introspectivos das duas partes anteriores do romance, José Amaro e Lula de Holanda, Vitorino é extrospecção, é voz que se faz ouvir por toda parte. Enquanto aqueles

dois são sombras, interioridade, este é luminosidade, exterioridade, que luta e se debate contra os poderosos da terra e assume um estatuto heroico ao longo das aventuras vivenciadas na narrativa:

Entre o senhor de engenho e o mestre de ofício que agonizam – o coronel apagando o seu fogo, o mestre se suicidando – o capitão Vitorino Carneiro da Cunha se ergue como um triunfador. [...] Na sua conduta, porém, só se sente a glória e a supremacia. A paranoia dá escala de grandeza aos seus atos. O delírio de autovalorização é a tábua de salvação de Vitorino.

Disse [...] Edison Carneiro que ele é um “D. Quixote rural”. Com efeito, o capitão é uma perfeita transposição do herói de Cervantes. Tem o mesmo desprezo pelas condições materiais, a mesma coragem maluca e, sobretudo, a mesma capacidade de ver as coisas segundo a deformação do ideal, e não segundo o que realmente são. [...] (CANDIDO, 1992, p. 65).

No livro de Lins do Rego, Vitorino se sobressai como um ser quixotesco, que vai ganhando a simpatia do leitor, ao mesmo tempo em que angaria o bem-querer da população do Pilar, ao agir em benefício de terceiros e não se intimidar com os agentes repressores enviados pelo governo e nem pelos cangaceiros, que ameaçam e perseguem os habitantes da localidade. Ele é, em suma, um Quixote vitorioso, que não morre ao final da história, aliás, ele se agiganta, firma-se como um agente da esfera heroica, destemido e singular, enquanto os dois outros protagonistas aniquilam-se, desintegram-se nas malhas da narrativa, anulando-se completamente.

A feição quixotesca de Larsen configura-se em *O estaleiro* por meio da sua atuação na tentativa de salvar um empreendimento que não tem a menor chance de ser reabilitado. Trata-se de uma tentativa vã, que cada vez mais se converte em uma quimera, em um sonho inatingível e cuja destruição acaba por atingi-lo e destruí-lo também. Na obra de Cervantes, o final do seu protagonista é amargo, ele reconhece como loucura os ideais da cavalaria que tentou ressuscitar e se dá conta de que os tempos são outros e aqueles ideais já não podem ser revividos num mundo que prioriza outros valores e outras atitudes. Nessa mesma direção

caminha Larsen, que ao enxergar a realidade, ao deixar de sonhar com a recuperação do estaleiro falido, acaba morrendo também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A volta de Larsen a Santa María e a sua tentativa de reconstruir o estaleiro e colocá-lo novamente em funcionamento revela-se inútil, pois a empresa está arruinada e sua luta para reergue-la é uma batalha perdida. Tal como o Dom Quixote de Cervantes, a sua luta é contra moinhos de vento, já que ele não é mais capaz de encarar a realidade, o fracasso, aceitando a farsa que se estabelece na propriedade de Jeremías Petrus e seus funcionários.

Vitorino Carneiro da Cunha, por outro lado, desvela uma faceta mais positiva da representação quixotesca cervantina. Se Dom Quixote, depois de curar-se de sua loucura, morre, no final de suas aventuras, o Quixote da obra brasileira encontra-se em pleno vigor, com forças para continuar a lutar contra os desmandos e as arbitrariedades dos poderosos do nordeste brasileiro.

Entre as trevas, as sombras e a cor cinzenta que predomina em *O estaleiro* e que tem a personagem Larsen como um representante desse universo em decadência, sem saída e que desemboca fatalmente na sua morte, destaca-se, em *Fogo morto*, o oposto, isto é, a luz, a clareza, a exuberância da figura quixotesca de Vitorino, que é vida, positividade, um sopro de alento num território que também é marcado pelo declínio, pela perda de poder das personagens e por um espaço que se desfaz e se encolhe à medida que o tempo passa.

Tanto a realidade do engenho quanto a do estaleiro encontram-se arruinadas e projetam seus efeitos sobre as personagens que fazem parte desses espaços. Larsen, movido por um ideal quixotesco de reconstrução de uma realidade irremediavelmente perdida, contamina-se e é vencido. Vitorino, por outro lado, não é afetado pela decadência dos engenhos, segue em frente, mantendo viva a chama de quixotismo que torna a existência humana mais interessante e renova, sempre, a esperança no porvir.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON-IMBERT, Enrique. **Historia de la literatura hispanoamericana**. 6. ed. México: Fondo de Cultura Econômica, 1966, v. II. Época Contemporânea.
- BENEDETTI, Mario. Introducción a *El Astillero*. In: ONETTI, Juan Carlos. **El Astillero**. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1993. (Colección Austral. Biblioteca hispanoamericana).
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CANDIDO, Antonio. Um romancista da decadência. In: CANDIDO, Antonio. **Brigada ligeira e outros ensaios**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 61-67.
- CARPEAUX, Otto Maria. O brasileiroíssimo José Lins do Rego. In: REGO, José Lins do. **Fogo morto**. 28. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Angela Bezerra de (org.). **José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990. (Coleção Fortuna Crítica, v. 7).
- FUKS, Julián. Juan Carlos Onetti: a história de uma alma. **Cult**, São Paulo, p. 20 - 21, 01 jun. 2009.
- NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- OCAMPO, Aurora M. **La crítica de la novela ibero-americana contemporánea**. 1. ed. México: Universidad Autónoma de México, 1973.
- ONETTI, Juan Carlos. **O estaleiro**. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivania**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- REGO, José Lins do. **Fogo morto**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- RODRÍGUEZ-MONEGAL, Emir. **Narradores de esta América II**. Buenos Aires: Editorial Alfa Argentina, 1974.
- SOUZA, Eunice Prudenciano. O quixotismo como forma de existência. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 52, n. 2, p. 224-233, abr.-jun. 2017.

RASTROS DE BANDIDOS E COITEIROS: EM *CANGACEIROS* (1953), DE JOSÉ LINS DO REGO

Denise Rocha¹⁷

INTRODUÇÃO



Fig. 1– José Lins do Rego junto de sua obra literária

No último romance, *Cangaceiros*, publicado em 1953, José Lins do Rego (1901-1957)¹⁸ evoca um período de muita tensão no nordeste brasileiro, principalmente, nos anos 1900 até a década de 1930, em Pernambuco, em Sergipe, em Alagoas, na Paraíba, na Bahia, no Ceará e no Rio Grande do Norte.

Na obra, *A presença do nordeste na literatura* (1953), o escritor esclareceu que era uma época de conluios entre os coronéis e os bandidos, vinculada:

¹⁷ Doutorado em Letras (UNESP). Professora do PPG em Letras (UFC).
CV: <http://lattes.cnpq.br/2543558632930157>

¹⁸ A produção literária do escritor é vasta. Romances: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho doce* (1939), *Água-mãe* (1941), *Fogo Morto* (1943), *Eurídice* (1947), *Cangaceiros* (1953). Memórias: *Meus Verdes Anos* (1956). Crônicas: *Gordos e magros* (1942), *Poesia e vida* (1945), *Homens, seres e coisas* (1952), *A casa e o homem* (1954), *O vulcão e a fonte* (1958), *Dias idos e vividos*: antologia (1981), *Ligeiros Traços*: escritos de juventude (2007), *Flamengo é puro amor*: 111 crônicas escolhidas (2008). História: *Presença do Nordeste na literatura brasileira* (1957), *Literatura infanto-juvenil: Histórias da Velha Totônia* (1936).

[...] à vida de uma região dominada pelo mandonismo do senhor das terras e de homens, como se fossem barões dos feudos. O chefe que mandava, de baraço e cutelo de família, nos aderentes, nos eleitores, precisava muitas vezes de força, acima da lei, para impor-se e dominar sem limites. Nem o Estado seria capaz de enfrentar o chefe que, no sertão, era mais que o Estado. (REGO, 1957, p. 31)¹⁹

O mencionado pacto do sertão, que garantia o poder de um Estado dentro do próprio Estado, propiciou aos cangaceiros a criação de uma potente logística de coitos, de locais secretos - fazendas de coronéis ou sítios de pequenos proprietários-, onde membros do grupo ou parentes podiam se esconder, descansar, curar ferimentos e doenças ou eram armazenados mantimentos, armas e munições. O sistema de comunicação sigiloso era mantido por profissionais do interior, tipo de tropeiros, que compravam produtos agrícolas ou de barro, entre outros produzidos nas propriedades rurais, e traziam mercadorias manufaturadas.

Este panorama histórico é apresentado em *Cangaceiros*, na saga da família do bandido Aparício Vieira (avô), tema do romance *Pedra Bonita*, publicado em 1938: o filho do criminoso é Bentão, marido de Sinhá Josefina, pais de Deodato, emigrante no Amazonas; de Domício, cantador e beato; de Aparício (neto), chefe dos cangaceiros; e do caçula Antônio Bento Vieira (Bentinho), pupilo do padre Amâncio, em vila do Açu. Todos sofriam com o estigma de serem parentes do suposto traidor de Pedra Bonita, arraial de sebastianistas, no qual ocorreram sacrifícios de sangue.

Testemunha da tragédia, o vaqueiro José Gomes Vieira fugiu e avisou seu patrão que comandou uma força expedicionária para ani-

¹⁹ José Lins do Rego enfatiza:

^{Pa}ra manter-se de pé, preferir-se suseranamente, o chefe recorria a seus homens dispostos, os cabras de olho virado, aos que matavam sem dor na consciência. A função do cangaceiro passava a ser uma espécie de gendarmeria às avessas. O crime é que tinha poder corretivo. Assim surgiram cangaceiros que, revoltando-se contra o chefe, fizeram trabalhar por sua conta, a serem eles próprios os que ditassem lei no sertão. Armados pelo “coronel” passaram a dar cartas, a casar, a dividir terras, a exercer pelo trabuco o governo das caatingas. (REGO, 1957, p. 31)

quilar os fanáticos religiosos, em 1838 (fato histórico). Cerca de 100 anos passados da desgraça (fato ficcional), a chegada de um beato para restaurar a comunidade espiritual alertou as autoridades, em Açu, que iniciaram os preparativos para uma invasão do arraial. Bentinho correu até o reduto, a fim de avisar os penitentes do perigo iminente.

Em um tipo de Advertência, na narrativa publicada em 1953, Lins do Rego explicou: “Continua a correr neste CANGACEIROS o rio de vida que tem as suas nascentes em meu anterior romance Pedra Bonita. É o sertão dos santos e dos cangaceiros, dos que matam e rezam com a mesma crueza e a mesma humanidade”. (REGO, 1987, v. 2, p. 900)

Em *Cangaceiros*, Sinhá Josefina e Bentinho, sobreviventes de Pedra Bonita, aconselhados por Aparício, chefe dos cangaceiros, partiram para um coito do Capitão Custódio dos Santos, na Fazenda Roqueira, em Tacaratu (PE). Nesse local ermo de esconderijo de munições para o bando criminoso, a matriarca revoltava-se com os desmandos de seu filho e cometeu suicídio: atitude que provocou sua fúria atroz, projetada em pessoas civis inocentes, por meio de assassinatos, torturas, mutilações, estupros, incêndios de propriedades, de pessoas e de animais etc.

Na narrativa *Pedra Bonita* são evocados personagens históricos, como o Padre Cícero e os cangaceiros Jesuíno Brilhante, Cabeleira, Luís Padre e Antonio Silvino, e em *Cangaceiros*, o narrador insere na ação, alguns episódios da vida do Padre Cícero e do caudilho Floro Bartolomeu, no Ceará, que tinham jagunços armados, defensores de seus interesses, bem como a trajetória de bandidos reais, como Virgulino Lampião (Aparício), Corisco (Germano), Bem-te-vi (Zé Luiz) e Cobra Verde. No coito da Roqueira, trabalhavam na engenhoca de cana, Germano e Bentinho, noivo de Alice, filha de um assassino ali refugiado, e irmã de Zé Luiz.

Em *Literatura ou antropologia criminal? O cangaço em ‘Pedra Bonita’ e ‘Cangaceiros’*, João Paulo Mansur destaca em relação à composição dos personagens históricos, que não se trata de uma biografia: “Mas a apropriação da história pelo romance indica a preocupação de José Lins do Rego em manter “a terra”, a realidade social, como inspiração também

do ciclo sertanejo e evidencia a pesquisa preliminar à confecção dos romances”. (MANSUR, 2019, p. 429)

O objetivo do estudo “Rastros de bandidos e coiteiros em *Cangaceiros* (1953), de José Lins do Rego” é mostrar o pacto entre bandidos e coronéis, os crimes de sangue de marginais famosos, e sua elaboração estética ficcional, bem elementos neorrealistas das cenas de barbaridades impensáveis, que têm um caráter de denúncia social.

O PACTO ENTRE CANGACEIROS E CORONÉIS

Em *Guerreiros de Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil*, Frederico P. de Mello apresenta o vínculo entre coronéis e cangaceiros, mencionado em duas falas: a primeira é a de Virgulino, publicada no jornal *O Ceará*, de 17 de março de 1926: “- Foi o coronel José Pereira Lima, chefe político de Princesa, homem perverso, falso e desonesto a quem durante anos servi, prestando os mais vantajosos favores da nossa profissão”. E a segunda é a do padre José Kehrlé, confessor do bandido: “Lampião sempre foi protegido por chefes políticos e grandes donos de terra. Deles, em troca de determinados ‘serviços’, Lampião recebia armas e mantimentos”. (PERNAMBUCANO DE MELLO, 2011, p. 118 e 317).

Em *Direito Penal: parte geral*, publicado em 1936, o jurista Roberto Lyra enfatizou: a “trágica e horrenda symbiose do coronelismo com o cangaceirismo [...] Assim como os ‘intrujões’ não pódem medrar os ladrões, não seria possível o cangaceirismo sem o ‘coronelismo’”. (LYRA, 1936, p. 574-576). Em 1940, no artigo, *Comentários ao código penal*, José de Magalhães Drummond acentuou a gênese de formação de grupos de bandidos:

E ainda não há muito tempo telegramas do Norte do Brasil davam notícias da iminência de um sério encontro entre duas poderosas famílias em luta antiga, e de que participariam numerosos partidários de uma e doutra, por elas armados e postos em pé de guerra, para um combate decisivo, em que se empenharam centenas de combatentes. [...] Numa grande parte do Brasil-inte-

rior, quem não se quisesse conformar com a sua própria escravização de caciques políticos, aos “grãos-senhores de taba”, aos mandões municipais ou regionais, terá, muita vez, de se fazer também chefe de bando [...].

Sob uma tal dominação –brutal e estúpida–, homem de condição humilde, mas digno e combativo, é muita vez arrastado a uma reação violenta. Medroso de que venha a faltar liberdade ao Juri para julgar com justiça, sonega-se ao julgamento, fugindo dos povoados e homisiando-se em lugares mais dificilmente acessíveis à polícia. [...] Para poder viver, terá de viver do crime. A ele juntam-se em breve outros perseguidos da justiça, e assim se forma o bando, e assim começa a nascer outro poder ilegal no sertão. [...] O mandonismo e o banditismo, formas diversas de um mesmo mal, esta mais visível, aquela mais constante, somente serão combatidos por um trabalho sincero de civilização do Brasil-interior. (MAGALHÃES DRUMMOND, 1944, p. 189-191)

O pacto entre coronéis e bandidos funcionava com uma rede de apoio, como aquela consolidada pelo Coronel Porfírio e pelo Coronel Hercílio, dois dos maiores latifundiários de Sergipe, industriais e comerciantes com portos próprios no baixo rio São Francisco que mantinham contato com o ramo fabril de São Paulo. No *Correio de Aracaju*, de 25 de junho de 1935, foi noticiado que Lampião utilizava munições de 1932. (PERNAMBUCANO DE MELLO, 2011, p. 276). Não foi revelado, porém, como o bandido sanguinário teve acesso às armas de fabricação recente, que eram superiores aquelas da força policial volante. O cangaceiro tinha contato com o governador de Sergipe, Eronildes Ferreira de Carvalho, que lhe fornecia armamento e munição. (PERNAMBUCANO DE MELLO *apud* WESTIN, 2018, p. 1).

Na reportagem, *Combate a Lampião quase entrou na Constituição de 34*, Ricardo Westin menciona que a vida do meliante e a de seu grupo piorou com a instauração do Estado Novo (1937) que almejava modernizar o Brasil. A brutalidade do bando foi tema de 5 propostas na Assembleia Nacional Constituinte de 1934, para que o governo federal tivesse a obrigação do combate ao cangaço.

A exibição de um documentário sobre Lampião, realizado pelo sírio Benjamim Abraão (1937), provocou o confisco pelo Departamento Nacional de Propaganda (DNP) e afrontou Getúlio Vargas que ordenou “aos governadores do Nordeste que parassem de fazer vista grossa e aniquilassem o rei do cangaço”. (VARGAS *apud* WESTIN, 2018, p. 1). No dia 28 de julho de 1938, Lampião foi executado, no acampamento na grota de Angico, município de Poço Redondo, em Sergipe.

Em *Pedra Bonita* e em *Cangaceiros*, Lins do Rego apresenta, com licença poética, de um lado, o inusitado relacionamento entre fazendeiros, políticos e criminosos, considerado imoral e sanguinário, mas, que segundo historiadores fez parte da paisagem do sertão, principalmente na época de Lampião. E, de outro, uma etapa da vida dele, como o personagem Aparício Vieira, que, enviou sua mãe e seu irmão para um coito de munição, de propriedade do Capitão Custódio dos Santos.

NEORREALISMO EM *CANGACEIROS*

José Lins do Rego, de acordo com a sua obra memorialística, *Meus Verdes Anos* (1956), conheceu um famoso cangaceiro que fez uma visita de cortesia ao seu avô, proprietário do Engenho Corredor. Um mensageiro trouxe a notícia da chegada de Antônio Silvino, conhecido por roubos, mas não por torturas e estupros:

As negras da cozinha estavam em festa. O Capitão chegara com toda a sua força. Podíamos ver os cangaceiros sem que nos furassem os olhos ou arrancassem o fígado pelas costas. E nos enchiam de vista. Os punhais enormes atravessados, o rifle na mão direita, os chapêlões quebrados na frente excediam a tudo o que eu imaginava. Estavam sentados na banca de fora, quase que mudos. Na sala de visitas o chefe conversava com meu avô e Henrique. Vendo-me, chamou-me para perto dele e me acariciou os cabelos:

- É neto, padrinho?

Chamava o meu avô de padrinho. Nada apresentava do terrível homem que fazia a velha Janoca falar baixinho quando se referia a ele. Vi bem que era um homem como

os outros. O seu rifle era pequeno e trazia nos dedos muitos anéis de ouro. E falava devagar [...]. (REGO, 1987, v. 2, p. 1262)

Antonio Silvino, como personagem de Lins do Rego, em *Menino de engenho* (1932), em *Pedra Bonita* (1938), em *Fogo Morto* (1943) e em *Cangaceiros* (1953) corresponde ao bandido homônimo de existência real, nascido em 2 de novembro de 1875, em Afogados da Ingazeira, e falecido em Campina Grande (PB), no dia 30 de julho de 1944.

OS COITOS²⁰ RURAIS

Em *Cangaceiros*, o autor delinea a narrativa com foco nos criminosos, que assolaram vastas regiões do Nordeste, nos anos 1920 e 1930: Virgulino Lampião, Corisco, Bem-te-vi, que tiveram outras denominações na narrativa, como Aparício, Germano, Zé Luiz, além de evocar o cangaceiro Cobra Verde, o Padre Cícero e o caudilho Floro Bartolomeu.

O autor exemplifica os motivos de entrada em bando de criminosos; os vários tipos de coitos deles (pousada, tratamento de saúde e depósito de alimentos, armas e munições); a vingança contra os coiteiros traidores; os planejamentos de ataques em vilas e propriedades rurais; os sangrentos métodos contra os inimigos civis e militares; as rotas de fugas com o auxílio de rastreadores; a ajuda de fazendeiros, políticos e governantes, entre outros.

O cotidiano da narrativa é o dos membros da Família Vieira: a matriarca Josefina e seus filhos Aparício, Domício e Bentinho, o qual teve dois colegas que, tinham se refugiado no coito, e se tornaram cangaceiros: Germano e Zé Luiz.

A ação de os *Cangaceiros*, que tem dupla estrutura – “A mãe dos cangaceiros” e “Cangaceiros – inicia-se depois de 2 anos da queda

²⁰ O tema dos colaboradores secretos da gestão dos criminosos foi abordado em *Os Cangaceiros* (1914), de Carlos Dias Fernandes, no qual o cangaceiro real, Antonio Silvino, aparece com o nome Minervino, e no romance *Coiteiros* (1935), de José Américo de Almeida: “-Há muitos coiteiros... – No geral, protegem. Uns por medo; outros por interesse. Uns por vingança; outros por dinheiro. Fora, à parte, os políticos. [...] Naquelas paragens, um cangaceiro era o melhor aliado. Não atacava e defendia dos inimigos”. (ALMEIDA, 2008, p. 170 e171)

de Pedra Bonita. Josefina e Bentinho vivem em um coito, a Fazenda Roqueira do Capitão Custódio dos Santos, às margens do Rio Muxotó, na Serra do Cambembe, em Tacaratu (PE).²¹

A matriarca, apresentada como uma parente distante, somente tinha contato com umas mulheres que lavavam a roupa no rio, onde uma novata contou sua sina por causa do ataque do bando de Aparício, em Mata Grande:

Um deles partiu para cima de Francisquinha e ali mesmo na frente da gente desgraçou a menina. O meu pai urrava como boi na castração. E a minha mãe chorando, só fazia gritar. [...] Depois vieram para cima de mim. Eu já não era moça donzela, mas aguentei o diabo de outro cabra. O bicho se pôs em cima de mim e fedia como carniça e debochava do velho: “Vem tomar conta da uveia”. A menina Francisquinha gemia de fazer dó. No chão melado de sangue ela estremecia como menino no ataque. [...]. (REGO, 1987, v. 2, p. 940)

Sinhá Josefina sofria muito com as crueldades de seu filho e gostaria de dizer: “É verdade, moça, a madre que pariu Aparício é de fato a de uma mulher desgraçada. Dentro de minhas entranhas gerou-se um filho do demônio. Eu pari um castigo de Deus”. (REGO, 1987, v. 2, p. 941)

O Capitão Custódio, porém não pensava assim, pelo contrário, nutria simpatia pelo marginal: “sei que ele não faz mais do que tem que fazer um sertanejo de vergonha na cara. O governo é que é tirano”. (REGO, 1987, v. 2, p. 905). O fazendeiro justificou a escolha de Aparício de ter sua propriedade como pousada: “Quando ele aparece por aqui, acoita-se neste cocoruto de serra e ninguém, nem de longe, vai pensar que Aparício Vieira descansa nestas quatro paredes, criando sustância para as lutas contra o governo”. (REGO, 1987, v. 2, p. 905)

Roberto Lyra registrou, em 1936, que o Coronel Petronilho, de Várzea da Ema, o primeiro coiteiro de Lampião, dispensou-lhe “deliberada e ostensiva proteção”, “forneceu animaes e o mandou para a fazenda Gangorra, de sua propriedade, onde o bandido se deleitou por alguns

²¹ Lampião tinha um coito de munição, em Tacaratu, na fazenda Poço de Ferro, de Ângelo Gomes de Lima. (LÂMPIÃO, s.d., p.1).

mezes em tranquillidade doce, refazendo-se das ultimas tropelias em território pernambucano”. (LYRA, 1936, p. 574)

O Capitão Custódio, que mantinha um coito de munição,²² e recebia notícias do bando por pequenos comerciantes itinerantes, foi preso pela volante do Tenente Alvinho que, em Jatobá, explicou ao Capitão Cazuza Leutério: “Peguei o diabo do velho com a mão na botija. O bicho vinha com um carregamento de bala de rifle”, mas foi orientado a soltá-lo:

[...] vão dizer que é perseguição política. O Senador José Furtado, quando souber, vai correndo por chefe de polícia fazer logo intriga. Este Capitão da Roqueira é meu inimigo. Já o pai dele foi inimigo do meu pai. Houve um crime com o filho dele, um atrevido que se meteu a me desfeitear, e desde este dia que aquele velho fala de mim, dizendo o diabo. Eu sabia que ele tem amizade com Aparício, mas nunca quis fazer nada. [...]. (REGO, 1987, v. 2, p. 1129)

Esse coito pernambucano serviu também de refúgio para Domício, depois que adentrou ao bando do irmão, foi ferido na perna esquerda, em confronto com a tropa da Paraíba. Abalado, ele comentou com Bentinho a respeito do primeiro tiroteio com a força volante em uns lajedos, perto de Pajeú e sobre a luta mortal entre Dedé e um soldado, que foi atingido por Aparício: este “puxou o seu punhal e chegando no pé da goela do homem enfiou até o pé. O sangue pulou alto. E todos os outros cabras fizeram a mesma coisa. Tive vontade de vomitar”. (REGO, 1987, v. 2, p. 932). O chefe sabia que o irmão não tinha “calibre de cangaceiro”, mas o persuadiu a lutar: “Tu tem que fazer a vida no rifle”:

Este rifle foi do Cobra Verde. Cobra Verde morreu no tiroteio com a força da Paraíba. [...] Este menino Cobra Verde, eu tirei ele da família com quinze anos. E os “mata-cachorros” mataram o pai dele por questão

²² Outro coito de munição ficcional era a moradia de Pedro Firmino, morador dos Avelós. Em uma das visitas de Aparício, ele disse: “Não faz três dias que a carga chegou aqui em casa. A munição veio do Coronel Juca Simões, de Flores, e quem trouxe ela para aqui foi Benevenuto, aquele que vende cesto na feira de Jatobá”. (REGO, 1987, v. 2, p. 928)

de terra, numa peitica de divisão. O menino tinha a natureza de caninana. [...] O bichinho sangrou a punhal um cabra de Zuza que se fizera de besta. Parecia que estava matando uma galinha. Menino danado. (REGO, 1987, v. 2, p. 928)

Cantador e beato, Domício sonhava com o amor, mas ficou brutalizado, como no ataque à fazenda do pai de um tenente de volante de Pernambuco, perto de Cabrobó. O jovem, ao lado do patriarca, que sangrava pela boca: "Pegou-se com uma moça, e às tontas caiu sobre ela [...] saciou-se como uma fera. Não teve dó e nem sentiu remorso. A vida era outra". (REGO, 1987, v. 2, p. 1003). Inclusive, ele estuprou a filha do Capitão Glicério, uma moça doida, que perambulava pelas estradas, e que pariu um filho dele.

Outro acoitado na fazenda Roqueira foi Vicente, ferido de bala, que narrava a Bentinho seu remorso por ter cometido atrocidades. Ele tinha visões dos mortos: o primeiro, assassinado sem motivo algum, de olhos verdes, chapéu de couro e espora nos pés, e outros inocentes. (REGO, 1987, v. 2, p. 1048). Refeito, ele juntou-se ao grupo de cangaceiros na fazenda de Joca Leite, no estado de Sergipe.

Com seus comparsas, considerados traidores, Aparício não tinha piedade. Minervino, coiteiro de munição, em uma fazenda de Exu, estava sob suspeita, e o chefe o advertiu: "Coiteiro que trabalha comigo tem que ser como mulher casada. É só de um homem". Posteriormente, ao ser confirmada a traição, o chefe não teve misericórdia e ordenou a total destruição: "Não ficou nem criação viva na casa do homem. Aparício matou tudo, a mulher e as duas filhas, tendo tocado fogo na casa" As jovens foram trucidadas: "Soubera que as moças ficaram ensangüentadas, de pernas abertas. Tinham-lhes ofendido as partes. Coiteiro de Aparício, que fazia miséria, sofria daquele jeito". (REGO, 1987, v. 2, p. 1082 e 1093).

No coito do Capitão Custódio, Josefina sofria muito com as malvadezas do filho e sentia ter a madre (útero) amaldiçoada e, por isso, ela começou a ter delírios e enforcou-se. Desesperado, Bentinho foi consolado pela família de outro acoitado, Jerônimo, assassino em

Areias (PB), esposo de Aninha, pais de Alice e Zé Luiz, que por causa de um briga mortal na feira de Tacaratu, fugiu e entrou no bando de Aparício. O patriarca morreu de infarto, sua esposa de doença nos rins.

Os brutais excessos de Aparício respingavam na segurança de seu irmão caçula. O confronto dos cangaceiros com a volante do Capitão Alvinho intensificou-se em Pão de Açúcar, na beira do rio, onde o chefe não encontrou o canoeiro que devia transportar a tropa para o outro lado do rio São Francisco. Era uma emboscada, a força militar estava entricheirada em um barranco, mas o bando conseguiu escapar até um cercado de pedra: “Aparício não parou mais de atirar. O fogo durou mais de duas horas. Depois cessou o estrupício e a desgraça estava feita. O Capitão com três praças tinham emborcado. E Aparício atravessou o rio no manso”. E, devido ao latente perigo de prisão de Bentinho, na Roqueira, conhecida como coito do cangaceiro, o chefe enviou um recado ao irmão pelo mensageiro Beijo Lascado: “Fosse ele para Floresta e ficasse na fazenda Pedra Branca, do Coronel Chico Inácio. Ou se quisesse [...] podia pegar o bando. Ficar na Roqueira é que não podia ser”. (REGO, 1987, v. 2, p. 1150).

O cantador Dioclécio, que Bentinho conheceu na vila do Açu, estava hospedado na fazenda Roqueira, e informado sobre os perigos das tropas militares vingativas, tentava convencer o rapaz a abandonar o coito com a noiva Alice. Eles partiram rumo ao Frei Martinho que casava os romeiros na missa da madrugada e chegaram na fazenda do velho Herculano Cotia, “ainda fumaçava a casa-grande destruída e havia gado morto no cercado. Tinham passado por ali os cangaceiros de Sabino”. O cantador alertou o jovem casal:

- Está vendo? Vamos de rota batida. Se não, vem chegando a força e pega a gente. Isto é o sertão, rapaz. Chegando em Floresta, tenho que cortar este cabelo. Estou que nem um penitente. Vamos embora. (REGO, 1987, v. 2, p. 1160)

A SAGA DE APARÍCIO (LAMPIÃO) E DE GERMANO (CORISCO)



Fig. 2– Lampião, olho esquerdo com leucoma. Visita a Padre Cícero (1926), em Juazeiro

O cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva (1898?-1938), nascido em Serra Talhada (PE), conhecido como Lampião, entrou, aos 21 anos, com dois irmãos, para o bando criminoso de Sinhô Pereira, depois de seu pai ter sido morto em um confronto com a polícia (1919). Em março de 1924, o criminoso foi ferido no pé na Serra do Catolé, em São José do Belmonte.

Devoto de Padre Cícero (1844-1934), ele o visitou em Juazeiro (CE), em 12 de março de 1926, onde recebeu a patente de Capitão do Exército Patriótico, criado pelo médico e deputado federal Floro Bartolomeu (1876-1926) para combater a Coluna Prestes e para embates futuros com inimigos. O religioso e o político já dispunham de jagunços intimidadores, uma tradição regional.

Em 16 de setembro do mesmo ano, em combate com o cabo Francisco Liberato, Lampião foi ferido na omoplata e refugiou-se na fazenda Poço de Ferro, coito de Ângelo Gomes de Lima, em Tacaratu (PE). Em dezembro de 1930, Maria Gomes de Oliveira, a Maria Déa, tornou-se sua companheira. (LAMPIÃO, s.d., p. 1).

A oferta de anistia para os bandidos pelo Governo Vargas é mencionada em *Cangaceiros*, bem como a percepção de Lampião sobre o final do cangaço, entre outros episódios da saga dele, já mencionados acima.

Lampião é evocado, inicialmente no romance *Pedra Bonita*, com o nome Aparício, novato no bando de Luís Padre (Luís Araújo e Silva, personagem histórico) que logo assumiu a chefia. O criminoso começou

uma trajetória desvairada com muito derramamento de sangue e lutou contra o progresso que viria com a construção da estrada de ferro pela vila do Açú, ao atacar o grupo de engenheiro que faziam estudos topográficos. Jararaca (personagem histórico e ficcional) deu tiro em cima de um deles, além da destruição dos equipamentos e roubo de mantimentos. Foi uma tremenda tortura psicológica: “Um cangaceiro botou o homem à distância e fez pontaria para derrubá-lo. Era só para meter medo. Um negro [Aluísio] brincara de enfiar o punhal no pescoço de um engenheiro. Faziam pena o estado e o pavor dos homens”. (REGO, 1987, v. 2, p. 1240).

Alguns episódios da vida de Lampião aparecem em *Cangaceiros*: confrontos sangrentos, ferimentos na perna, infecção no olho, estupro, ordens violentas, pacto com Padre Cícero e Floro Bartolomeu e a companhia de Maria Déia (Josefina, nome ficcional) no bando etc. Outros cangaceiros são citados, com destaque para Corisco (Germano) e Bem-te-vi (Zé Luís).

Na época em que Aparício “cegou de um olho”, ele fez a visita ao famoso sacerdote cearense e recebeu o título de Capitão: “Tinha seguido para o Juazeiro atrás da benção de Padre Cícero. O Governo do Ceará estava precisando de Aparício para um adjutório contra as tropas dos revolucionários [Coluna Prestes]”. (REGO, 1987, v. 2, p. 1119 e 1077)



Fig. 3- Romana ferida com punhal e estuprada por Lampião
Fazenda Passagem/BA, abril 1931

O criminoso gostava de humilhar famílias, algumas desconhecidas, outras que eram vinculadas a inimigos seus. Em direção a Panela, a fim de levar duas filhas para estudo, o fazendeiro Fialho foi atacado pelo bando, pois era parente do Capitão Teotônio, um desafeto de Aparício,

o qual cercou suas meninas. Desesperado, o pai implorou para que ele não ofendesse as moças, mas foi morto por Vicente:

Aí Aparício mostrou mesmo quem era e arrastou uma delas para o mato. A menina estrebuchava. Mordia as mãos dele. Mas o bicho com o diabo no corpo, arrasou-a por cima dos espinhos, derrubou-a no chão, e ali mesmo, como uma fera assanhada pela fome, caiu em cima dela. Nem era bom contar o resto. (REGO, 1987, v. 2, p.1000- 1001)

Depois do retorno da visita a Padre Cícero, ele decidiu ficar em Sergipe, para tratar de uma febre contraída em Araripe (CE): “Ficou bom, mas não parecia o mesmo. Tinha agora com ele uma mulher no grupo, uma tal de Josefina, mulher dos diabos. Andava armada como os cabras e era de coração duro. Aparício não podia mais viver sem este demônio”. (REGO, 1987, v. 2, p. 1116).

Aparício pressentiu que sua época estava chegando ao fim e resolveu ficar com o bando em Sergipe. Ele tinha “os olhos com manchas de sangue. Os dedos cobertos de anéis de ouro e muita fadiga na cara suja, de barba de mais de uma semana. Os cabelos caíam-lhe por cima da orelha com o cheiro enjoado de brilhantina”. Ao Compadre Vicente, membro de seu grupo, ele confessou: “não estou gostando do tempo não. Isto de briga com o governo federal vai dar trabalho. O sertão está ficando mais menor para nós. Estou com 15 homens descansados e isto ofende a natureza dos cabras. Este paradeiro faz mal”. (REGO, 1987, v. 2, p. 1079).

O criminoso relatou sobre a oferta de anistia: “temos um chamado para o Doutor Floro [no Ceará]. É uma história de briga do governo com força de linha. Pus o corpo fora, compadre. O doutor me falou de perdão do governo. Mas qual nada. Palavra de governo não me dá segurança. Aparício concluiu: “A vida da gente é esta mesmo. Saindo deste cangaço quero morrer”. (REGO, 1987, v. 2, p. 1077).



Fig. 4- Corisco

Outro membro do grupo de Lampião, mencionado em *Cangaceiros* é Cristino Gomes da Silva Cleto (1907-1940), conhecido como Corisco, o Diabo Louro. Ele ingressou no bando, após ter assassinado, aos 17 anos, em uma briga de rua, um protegido do coronel de Água Branca, e temeu represália. (CORISCO, s.d., p. 1)

O jovem Germano, empregado na engenhoca da Roqueira, entrou no bando de Aparício com o nome de Corisco, segundo relato de seu irmão Terto: “Desde menino que ele tinha gosto para cair no cangaço. Estou me lembrando das histórias dos Briantes [Jesuino Brilhante e irmãos] que minha mãe contava, um homem branco do Ceará que foi cangaceiro. [...] Germano sabia de cor as histórias do verso [...] “. Corisco destacou-se: “Ganhara fama de terrível, de bicho brabo, de coração de pedra”. Um comprador de rapadura, que passava pela Roqueira tinha trazido péssimas notícias sobre um ataque em Olho-d’ Água, do Acioli: O Capitão Aparício “só não comeu home veio. Não ficou moça inteira. O tal do Corisco é um pai -d’égua desadorado”. (REGO, 1987, v. 2, p. 1006, 1026 e 1087). Outro momento de crueldade ocorreu depois de três dias do cerco na fazenda Forquilha de Zeca Firmino: “Foi uma desgraça: caparam um filho do fazendeiro, um rapaz que se meteu a brabo, e nem ficou moça donzela. Até uma menina de dez anos agüentou o repuxo. Me disseram que o Corisco estava com o diabo neste dia. O negro Vicente perto dele é uma dama”. (REGO, 1987, v. 2, p. 1107).

Bem-te-vi, que evoca um homônimo real, Demócrito,²³ é o apelido de Zé Luiz, que cometeu uma morte na feira e fugiu para o bando

²³ Ele cometeu adultério com Lídia, companheira de Zé Baiano, quando o bando estava perto do riacho do Quatarvo, em Poço Redondo (SE). Foram delatados pelo enciumado Besouro, diante do grupo, em julho de 1934. No momento, o rapaz sumiu

criminoso, onde teve dificuldades para se adaptar à vida dura de fugitivos e adoeceu. Convalescente no coito de Nô de Doninha, ele foi preso pela volante e levado para Recife.

CONCLUSÃO

Em 20 de janeiro de 1953, ocorreu o lançamento do filme *O Cangaceiro*, com roteiro, direção de Lima Barreto, diálogos de Rachel de Queiroz e realização da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, que, ganhou o prêmio de melhor filme de aventura e de melhor trilha sonora no Festival Internacional de Cannes, França. E no mesmo ano foi publicado o romance de Lins do Rego.

O estudo “Rastros de bandidos e coiteiros em *Cangaceiros* (1953), de José Lins do Rego”, enfatizou a faceta ficcional de eventos históricos: o imoral pacto entre bandidos e coronéis, que proporcionou uma vida longa do cangaceirismo, repleto de vários tipos de violência física, psicológica e espiritual, nos anos 1920 e 1930, em alguns estados do nordeste. Acentuou também os mecanismos do poder, que assegurou por mais de uma década, ataques de criminosos à população de sítios, fazendas e de vilas, por estarem munidos de armamento moderno e de uma excelente logística de coitos.

A topografia da caatinga, nomes de rios, vilas e cidades verídicas, bem como de autoridades civis (Floro Bartolomeu) e religiosas (Padre Cícero e Ibiapina), além de nomes de cangaceiros históricos foram temas de *Os Cangaceiros*, um romance político do escritor paraibano, que, por meio de descrições e narrativas neorrealistas, denunciou os bastidores da engrenagem do crime no sertão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Américo de. Coiteiros. In: _____. **Novelas: Reflexões de uma cabra, O Boqueirão, Coiteiros**. 3.ed. João Pessoa: Fundação José Américo de Almeida, 2008.

pela caatinga, seguiu para Juazeiro, norte da Bahia, e morreu em Caririnha, em 1991, com o nome Benedito Bacurau. Sua amante foi amarrada em uma árvore e morta a pauladas pelo ofendido. Lampião matou o denunciante. (MARQUES, 2012, p. 1)

CORISCO. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Corisco>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

FLORO BARTOLOMEU. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Floro_Bartolomeu>. Acesso em: 20 dez. 2021.

LAMPIÃO (Cangaceiro). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lampi%C3%A3o_\(cangaceiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lampi%C3%A3o_(cangaceiro))>. Acesso em: 20 dez. 2021.

LYRA, Roberto. Direito Penal: parte geral. In: _____.; HUNGRIA, Nelson (Orgs.). **Compendio de Direito Penal**. Rio de Janeiro: Livraria Jacintho, 1936. v. 1. p. 574-576.

MAGALHÃES DRUMMOND, José de. **Comentários ao código penal** (Decreto lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Rio de Janeiro: Revista Forense, 1944. v. IX.

MANSUR, João Paulo. Literatura ou antropologia criminal? O cangaço em *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*. **Mana**, 25, nº 2, p. 427-455- 2019.

MARQUES, Archimedes. Traição e morte dentro do cangaço. *Portal Jurídico Investidura*. Florianópolis, 1. jun. 2012. Disponível em: <<https://investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/historia-do-direito/251510-traicao-e-morte-dentro-do-cangaço>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

PERNAMBUCANO DE MELLO, Frederico. **Guerreiros de Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 5. ed., rev. e atualizada. São Paulo: A Girafa, 2011.

REGO, José Lins do. **A presença do nordeste na literatura**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957.

_____. Cangaceiros. In: _____. **Ficção Completa**. Meu amigo Zé Lins, de João Condé. O Menino de Engenho, de Carlos Lacerda. Bibliografia. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987. v. 2, p. 900-1160.

_____. Meus Verdes Anos. In: _____. **Ficção Completa**. Meu amigo Zé Lins, de João Condé. O Menino de Engenho, de Carlos Lacerda. Bibliografia. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987. v. 2. p. 1162-1305.

WESTIN, Ricardo. **Combate a Lampião quase entrou na Constituição de 34**. Agência Senado, 02/07/2018. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/combate-a-lampiao-quase-entrou-na-constituicao-de-34>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

ICONOGRAFIA

Fig. 1– José Lins do Rego junto de sua obra literária. Disponível em: <<https://mubi.com/es/cast/jose-lins-do-rego>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Fig. 2– Lampião, olho esquerdo com leucoma. Visita a Padre Cícero (1926), em Juazeiro (CE). Disponível em: <<https://tokdehistoria.files.wordpress.com/2013/07/lamparina.jpg>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Fig. 3- Romana ferida com punhal e estuprada por Lampião. Fazenda Passagem/BA, abril 1931. Disponível em: <<https://tokdehistoria.com.br/2015/07/06/as-faces-e-os-re-latos-das-vitimas-de-lampiao-na-bahia/>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Fig. 4- Corisco. Disponível em: <<http://hid0141.blogspot.com.br/2011/01/imagens-do-cangaco.html>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE ROCHA

Tem formação em Magistério, licenciatura em Letras, doutorado em Literatura e Vida Social (UNESP, campus de Assis), e bacharelado em História pela Ruprechts-Karl-Universität, em Heidelberg, Alemanha, onde obteve o título de Magister Artium. Tem interesses em leituras e pesquisas nas áreas de Literatura Alemã e de Literaturas de Língua Portuguesa: literatura regionalista e de temática indígena e negra do Brasil; literatura de viagem, épica, realista, neorrealista e contemporânea de Portugal; literatura colonial e pós-colonial da África (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique) e literatura colonial e de pós-independência da Ásia (Timor-Leste, Macau e Goa).

CV: <http://lattes.cnpq.br/2543558632930157>

ÍNDICE REMISSIVO

A

alagoas 6, 80
alfredo bosí 15
anistia 91, 93
antônio a. de souza leite 37
antonio candido 68, 75
antônio silvino 54, 62, 85
arma 54
arraial 23-28, 30-31, 35-37, 81-82
assassinato 30, 46, 64
assembleia nacional constituinte de 1934
austregésilo de athayde 41
autoficção 9
autoridade 37, 63

B

bandido 81, 83-84, 86-87
banditismo 30, 62, 83-84, 96
bando 25, 62, 82, 84, 86-88, 90-94
barro 81
batalha 24, 26, 36, 71, 73, 78
beato 24-25, 28, 31, 36-37, 81-82, 89
bem-te-vi 82, 86, 92, 94

C

cangaceirismo 38, 83, 95
cangaceiro 24, 36, 46, 53-54, 62, 81, 84-86, 88, 90-92, 94-96
cangaço 8, 16, 62, 67, 82, 84-85, 91, 93-94, 96
cantador 24, 26, 81, 89-90
capitão 27, 30-31, 33, 46, 68, 73, 76-77, 82, 85, 87-92, 94
caudilho 82, 86
ceará 8, 26, 30, 36, 80, 82-83, 92-94
chefe 24, 31, 36, 76, 81-85, 88-90
ciclo da cana-de-açúcar 42, 60, 64, 67
cobra verde 82, 86, 88
coiteiro 87, 89
coito 82, 85-91, 95
coluna prestes 91-92
contadora 5, 7, 39, 43-44, 49, 51-54
corisco 82, 86, 91-92, 94, 96-97
coronel 10, 17, 25, 31, 46, 63, 68-69, 73, 77, 81, 83-84, 87-88, 90, 94
coronelismo 30, 83
costumes 17, 31, 58-59, 61, 64
crime 50, 81, 84, 88, 95
culpa 32
cultura 7, 17, 31, 40, 56, 62, 66, 79, 96

D

decadência 24, 60, 63, 68-70, 75, 78-79
declínio 41, 67, 78
degola 29
denúncia 20, 24, 35, 37, 58, 83
departamento nacional de propaganda 85
dom quixote 68, 76, 78

E

eduardo f. coutinho 67
encantamento 29, 51
engenho 5-7, 9, 13-14, 18-19, 23, 41, 43-47, 49, 51-57, 59-62, 64-65, 68-69, 77-78, 80, 85-86, 96
ensino 47
espaço 9, 20, 28, 46, 58-59, 63-64, 68, 72, 78
esquecimento 10, 12, 22, 40
estado 81, 84, 89, 92
estaleiro 5, 7, 66-67, 69-75, 77-79
estética ficcional 83
estigma 24, 81

F

84 família 13, 24, 27, 31, 37, 41, 46-47, 68, 81, 86, 88-89
fanatismo religioso 5, 7, 23, 25, 31, 36-37
fé 46, 63
ficção 8, 38, 44-46, 60-61, 64, 69, 72, 79, 96
floro bartolomeu 82, 86, 91-92, 95-96
folclore 38, 62
folheto 28
fontes escritas 14
fontes orais 14, 17-18, 21
força expedicionária 27, 81
franklin távora 31, 37, 58

G

getúlio vargas 8, 85
governador 27, 74, 84
governo 30, 76-77, 81, 84, 87, 91-93

H

herói 37, 62, 69, 76-77
história 5, 7-13, 15, 21-22, 25-26, 30, 36, 38-39, 43, 46-47, 50, 52, 57, 59, 61, 64-65, 77, 79-80, 82, 93, 98
historiografia 24
honra 31

I

identidade 4-15, 22, 30, 61
infância 7, 10, 13, 15, 40, 45, 62-64
internato 42, 44, 59
intertextualidade 67
invasão 82

J

jacques le goff 11, 14, 20
joaquim de flora 25, 32
josé de magalhães drummond 83
justiça 16, 18, 84

L

lagoa 28, 33-35
lampião 24, 82-87, 91-92, 94-97
lei 44, 81, 96
lembranças 10, 12, 19, 21, 57
lenda 26, 48
líder 26, 28, 30, 32, 35
literatura comparada 66, 79
literatura infantil 39-40, 55
literatura oral 40
logística 81, 95
luta 54, 71-73, 76-78, 83, 88

M

marginal 87
marisa lajolo 40
matriarca 24, 82, 86-87
maurice halbwegs 12-15, 20
meio 9, 14, 24, 26, 28, 44, 50, 53-54, 58-59, 61, 64, 69, 77, 82, 95
memória 5, 7, 9-16, 18, 20-22, 25, 39-40, 45, 50-51
memória seletiva 7, 12
michael pollak 9-10, 14, 16-17, 20
milagre 33-35
misticismo 7, 38, 67
mito 25-26, 36-37
modernismo 22, 58
morte 10, 30, 35, 38, 47, 49-51, 59, 69-71, 73, 75, 78, 94, 96

N

narrador 20, 33, 43-44, 46-47, 52, 54, 59-61, 63, 82
narrativa 11, 14-19, 23-24, 31-32, 43, 49, 54, 58-59, 62-64, 67, 70, 72-74, 77, 82, 86
narrativa oral 63-64
natureza 12, 30, 33, 39, 45, 69, 89, 93
negro 15, 17-19, 52, 92, 94
neorrealismo 8, 85
nordeste 6, 21, 23, 38, 42-43, 56-57, 59, 64, 78, 80, 83, 85-86, 95-96
norte 6, 30-31, 37, 75, 80, 83, 95

O

oligarquia 41-42
oralidade 7-8, 40, 54
otto maria carpeaux 60
ouro 33-35, 86, 93
ouvinte 46, 50-54

P

pacto 8, 81, 83-84, 92, 95
padre cicero 24, 36, 82, 86, 91-93, 95-96
paraíba 6, 8, 13, 15-17, 21, 30, 41, 45-46, 48, 51, 67, 80, 88
patriarca 89-90
paul ricoeur 12, 15-16, 18, 20-21
paz 7, 36
pedra bonita 5-7, 23-28, 30-32, 36-38, 42, 80-82, 85-87, 91, 96
pernambuco 5-8, 23, 25, 28, 30, 36-38, 51, 80, 89
pobre 12, 41, 48
poder 28-30, 36, 41, 43, 52, 78, 81, 84, 95
povo 10, 19-20, 25-26, 31, 33-34, 39-40, 44, 48, 63, 76
profecia 35
profeta 28-29, 31, 33, 35-36
prosperidade 7, 26, 36, 63
proteção 87
punhal 54, 76, 88-89, 92, 97

R

religião 30-31
ressurreição 26, 28
restauração 28-29
retorno 7, 24, 26, 30, 35-36, 75, 93
ricardo westin 84
rifle 85-86, 88

rio grande do norte 30, 80
rio são francisco 28, 84, 90
roberto lyra 83, 87
romance autobiográfico 10
romance memorialista 15

S

sacrifício 31, 33-34
saga 24, 37, 81, 91
sal 33-35
sangue 7, 25, 29-30, 34-35, 41, 48-49, 62, 81, 83, 87-88, 92-93
santo 25-26, 32, 51
santuário 24, 28, 34
sebastianism 5, 7, 23, 25-26, 36
sebastião 7, 24-31, 36, 38
seita 30, 37
sergipe 8, 80, 84-85, 89, 93
sertão 6-8, 19, 23, 29, 35-36, 38, 58, 67, 81-82, 84-85, 90, 93, 95
servidão 44
submissão 43

T

tensão 12, 69, 80
testemunho 5, 7-10, 15-21, 45
tortura 92
tradição literária 72
tradições 40, 58-59, 62, 64
tragédia 24, 27, 31-32, 46, 75, 81
traição 24, 89, 96
traidor 81
trindade 25, 32

U

usina 6, 23, 42, 59, 64, 80

V

velha 6-7, 19, 23, 40, 43-44, 46, 49-55, 80, 85
violência 83, 95-96
volante 76, 84, 88-90, 95
voz 16, 21, 50, 52-53, 76

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br